



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**ANDRÉ LUIZ SOUZA DA SILVA**

**GÍRIA LGBT COMO EMPODERAMENTO LINGUÍSTICO:  
A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO GÊNERO “MEME”**

**GUARABIRA  
2018**

**ANDRÉ LUIZ SOUZA DA SILVA**

**GÍRIA LGBT COMO EMPODERAMENTO LINGUÍSTICO:  
A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO GÊNERO “MEME”**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso, ao Departamento de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

**Área de Concentração:** Teoria e Análise Linguística

**Linha de Pesquisa:** Práticas Sociais da Linguagem

**Orientadora:** Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins

**GUARABIRA  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586g Silva, André Luiz Souza da.  
Gíria LGBT como empoderamento linguístico [manuscrito] :  
a construção de sentidos no gênero "Meme" / Andre Luiz  
Souza da Silva. - 2018.  
77 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2018.  
"Orientação : Prof. Dr. Iara Ferreira de Melo Martins ,  
Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Variação Linguística. 2. Gíria LGBT. 3. Meme da  
Internet. 4. Construção de Sentidos. I. Título  
21. ed. CDD 306.44

ANDRÉ LUIZ SOUZA DA SILVA

**GÍRIA LGBT COMO EMPODERAMENTO LINGUÍSTICO:  
A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO GÊNERO “MEME”**

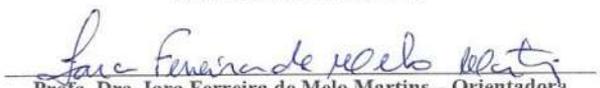
Monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso, ao Departamento de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

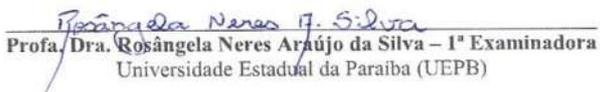
**Área de Concentração:** Teoria e Análise Linguística

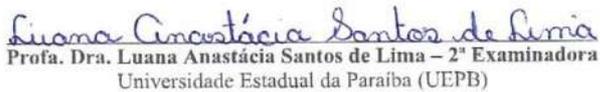
**Linha de Pesquisa:** Práticas Sociais da Linguagem

Data de Aprovação: 04 de dez, 2018.

BANCA EXAMINADORA

  
Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins – Orientadora  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva – 1ª Examinadora  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Profa. Dra. Luana Anastácia Santos de Lima – 2ª Examinadora  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos amigos, colegas, manas e monas da comunidade, aos que lutam sem temer e que agem e reagem contra os preconceitos, DEDICO!

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, um Deus de amor e compaixão, aquele que acredito e creio ser um ser de pleno amor e não de sadismos, o qual não punirá seus filhos por amarem diferente. A um Deus que ama a diversidade que ele mesmo criou.

Agradeço aos meus pais, Paula Maria e Fernando Luiz, por muito terem contribuído para minha caminhada acadêmica, obrigado pelos livros, obrigado pela força e por acreditarem. Amo vocês! Em especial agradeço à minha mãe, mulher de minha vida, mulher que acompanhou de perto a rotina de viagens para o trabalho, a rotina em frente ao computador, as idas diurnas e noturnas para a universidade. Amo-te!

Estendo aos meus irmãos, André Lucas, Vitória e Valentina pelos risos cotidianos, vocês não contribuíram para o contexto físico deste trabalho, mas somaram amores e alegrias ao meu eu humano. Amo cada um de vocês, cada um à sua forma e maneira, mas sempre os amando!

O obrigado também se estende aos meus amigos-irmãos, Núbia, Patrícia, Adayana, Lidiane, Amanda, Murilo, Josiel, Andressa, Lucas, Bruna, Djanira, e a todos aqueles que me admiram e os quais eu admiro e amo, mas também estendo a qualquer um que eu possa não ter citado, mas que tem apreço por mim e meu trabalho.

Um obrigado para a “Turma do Busão”, amigos e colegas que foram indo e vindo das viagens entre Bananeiras e Guarabira: Claudia, André, Lela, Jessiely, Tony, Maelly, Valnize, Luana, Luiz Arthur e tantos outros com os quais pude conversar e rir todas as noites. As viagens eram longas e cansativas, mas vocês diminuam os estresses do cotidiano.

Um agradecimento especial para a turma 2014.2, minha turma de graduação, na qual conheci gente de histórias e vidas diferentes, obrigado pelos risos, pelas gaitadas, pelos aprendizados partilhados. Em especial, agradeço à Priscila, minha colega, amiga, irmã e confidente da vida tanto acadêmica quanto pessoal, amo-te! Também ressalvo a importância de Railson, Lizandra, Nayanne, Josieli, Wanderson e Jaqueline, pessoas com as quais me identifiquei rapidamente. Estendo a todos da classe o meu OBRIGADO, mas também agradeço pelos aprendizados com as minhas turmas de monitoria – 2016.1, 2017.1 e 2017.2 - Vocês foram, são e sempre serão especiais na minha trajetória de vida.

Extraclasse o carinho não é menor: Jackeline, Débora, Alexandre, Luan, Tereza, Cristóvão, Roney, Álex, Andreza e tantos outros que levarei sempre comigo, pessoas que somaram não só academicamente, mas também com afago e alegria. Assim, também agradeço

à UEPB, instituição que me possibilitou não apenas ser professor, mas que eu conhecesse sujeitos tão especiais. A vocês, todo meu carinho e apreço.

Um agradecimento imenso aos professores de minha vida, não só aos da UEPB, mas desde aquela primeira mestra que me possibilitou os primeiros ensaios de leitura. Agradeço ainda, a todos e a todas que passaram por minha trajetória estudantil, em especial às minhas professoras de Língua Portuguesa: Carolina Viana, Fabiana Borges, Maria José Araújo e Ana Carla Lima, professoras que até hoje me acompanham e que torcem pelo meu sucesso. Maravilhosas, agora é a minha vez de torcer por meus alunos. Obrigado!

Agradeço diretamente aos professores que na graduação me possibilitaram amar não só a Linguística, mas as Letras, amar a docência. Direciono meus agradecimentos ao professor Paulo Aldemir que muito contribuiu com minha trajetória acadêmica através da leitura de tantos trabalhos, ao professor João Paulo que orientou meu pré-projeto de pesquisa e possibilitou que eu desse um dos primeiros passos para o resultado deste trabalho,

Em se tratando de agradecimento especial, devo frisar a importância da professora Karla Valéria que também me mostrou quão rica é a área da Linguística. Às professoras Danielle Mendes, Aline Araújo e Clara Vasconcelos por constantemente incentivarem minha atividade docente e acadêmica, mas também aos demais professores e professoras com os quais estudei e a todos os outros que marcaram minha vivência acadêmica, tenha sido na sala de aula, nos corredores ou na coordenação. Ah! Marciely e Jonas, vocês são os melhores. Enfim, que bom conhecê-los!

Um agradecimento especial à minha orientadora Iara Martins que é um hino, não só de professora, mas também de ser humano. MUITÍSSIMO obrigado por todas as contribuições e motivações. Lembro-me do primeiro dia de sua aula na 2014.2 e o quanto eu admirei sua postura profissional, objetiva e humana para com todos. Os que com a senhora estudaram querem bis e os que não: anseiam pela oportunidade. Obrigado por ter desvendado meu projeto primeiro que eu, agradeço de coração (risos)! Ser monitor de Língua Portuguesa e Leitura & Produção de Textos sob sua orientação foi uma honra enorme, poder aprender mais e poder me tornar seu orientando. Seremos colegas de profissão, amigos na vida, mas seremos sempre professor e aluno, pois ainda tenho muito o que aprender contigo. Maravilhosa!

Por fim, um agradecimento às professoras Rosângela Neres e Luana Lima pelas contribuições preciosas para a melhoria desta pesquisa. Muito obrigado por lerem minha monografia, tê-las como avaliadoras deste trabalho é a consagração de um desejo pessoal, pois além de acreditar nas contribuições positivas, acredito no profissionalismo de ambas. Agradeço!

“O povo tem uma identidade, que resulta dos traços manifestados em sua cultura, a qual, por sua vez, se forja e se expressa pela mediação das linguagens”

- Irlandé Antunes (2009, p. 19)

## RESUMO

O uso do signo gírio é uma maneira de exercer poder, pois, a linguagem e quaisquer manifestações que dela venham baseiam-se no desejo e na vontade do falante/escritor em concretizar suas ações sociais sobre o ouvinte/leitor, sejam elas de aceitação, discriminação, reflexão ou empoderamento. A presente monografia tem o objetivo de analisar o uso da gíria da comunidade LGBT no gênero *meme* da internet. O vocábulo gírio restrito passa a ser instrumento de ataque/defesa dos sujeitos que não se identificam com o “padrão”, seja ele social ou linguístico. A pesquisa justifica-se pela inquietação em se observar que a comunidade LGBT é sempre tida como marginal, desta maneira, também buscará estabelecer o empoderamento da comunidade LGBT através do seu uso linguístico. O percurso metodológico é de caráter descritivo/interpretativo, o que estabelece a natureza qualitativa da pesquisa. Consideramos os memes enquanto gênero digital novo na esfera social e que são estruturas de caráter cultural. Deste modo, a variação linguística, neste caso, as gírias presentes nos cinco memes em estudo mostram-se significativas para a construção dos sentidos, bem como apontam que a marginalização desta minoria específica acontece por preconceitos culturais e sociais. Esta pesquisa envereda-se pelos preceitos da sociolinguística, dos gêneros textuais/discursivos e da leitura enquanto prática social, desenvolvendo-se à luz dos seguintes autores: Labov (2008), Bagno (2007, 2009, 2014, 2015, 2017), Preti (1984, 2010), Bakhtin (2003), Marcuschi (2005, 2008, 2010), Barreto (2015), Koch & Elias (2006, 2015), Xavier (2010), entre outros.

**Palavras-chave:** Variação Linguística. Gíria LGBT. Meme da Internet. Construção de Sentidos.

## ABSTRACT

The use of the gyrian sign is a way of exercising power, since language and any manifestations that come from it are based on the desire and willingness of the speaker/writer to concretize their social actions on the listener/reader, be they acceptance, discrimination, reflection or empowerment. This monograph aims to analyze the use of slang by the LGBT community in the genre meme of the internet. The restricted gyrian vocabulary becomes an instrument of attack/defense of subjects who do not identify themselves with the "standard", whether social or linguistic. The research is justified by the concern to observe that the LGBT community is always considered as marginal, in this way, it will also seek to establish the empowerment of the LGBT community through its linguistic use. The methodological approach is a descriptive/interpretative character, which establishes the qualitative nature of the research. We consider memes as a new digital genre in the social sphere, which are cultural character structures. Thus, the linguistic variation, in this case, the slangs which are present in the five memes under study are significant for the construction of the senses, as well as indicate that the marginalization of this specific minority is due to cultural and social prejudices. This research is based on the precepts of sociolinguistics, textual/discursive genres and reading as a social practice, developed in the light of the following authors: Labov (2008), Bagno (2007, 2009, 2014, 2015, 2017), Preti (1984, 2010), Bakhtin (2003), Marcuschi (2005, 2008, 2010), Barreto (2015), Koch & Elias (2006, 2015), Xavier (2010), among others.

**Keywords:** Linguistic Variation. LGBT slang. Meme of the Internet. Construction of Senses.

## RESUMEN

El uso del signo gírio es una manera de ejercer poder, pues, el lenguaje y cualquier manifestación que de ella vengan se basa en el deseo y la voluntad del hablante/escritor en concretar sus acciones sociales sobre el oyente/lector, sean ellas de aceptación, discriminación, reflexión o empoderamiento. La presente monografía tiene el objetivo de analizar el uso de la jerga de la comunidad LGBT en el género meme de internet. El vocablo gírio restringido pasa a ser instrumento de ataque/defensa de los sujetos que no se identifican con el "patrón", ya sea social o lingüístico. La investigación se justifica por la inquietud de observar que la comunidad LGBT siempre es considerada marginal, de esta manera, también buscará establecer el empoderamiento de la comunidad LGBT a través de su uso lingüístico. El recorrido metodológico es de carácter descriptivo/interpretativo, lo que establece la naturaleza cualitativa de la investigación. Consideramos los memes como género digital nuevo en la esfera social y que son estructuras de carácter cultural. De este modo, la variación lingüística, en este caso, las jerarquías presentes en los cinco memes en estudio se muestran significativas para la construcción de los sentidos, así como apuntan que la marginación de esta minoría específica ocurre por prejuicios culturales y sociales. Esta investigación se enmarca por los preceptos de la sociolingüística, de los géneros textuales / discursivos y de la lectura como práctica social, desarrollándose a la luz de los siguientes autores: Labov (2008), Bagno (2007, 2009, 2014, 2015, 2017), Preti (1984, 2010), Bakhtin (2003), Marcuschi (2005, 2008, 2010), Barreto (2015), Koch & Elias (2006, 2015), Xavier (2010), entre otros.

**Palabras-clave:** Variación Lingüística. Gíria LGBT. Meme de Internet. Construcción de Sentidos.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Exemplo de implícito.....	43
<b>Figura 2:</b> Exemplo de explícito .....	44
<b>Figura 3:</b> Exemplo de criticidade .....	48
<b>Figura 4:</b> Meme 01 - Fazer a Sheila .....	63
<b>Figura 5:</b> Meme 02 - Fazer a Egípcia .....	65
<b>Figura 6:</b> Meme 03 - Sair do armário .....	66
<b>Figura 7:</b> Meme 04 - Dar a Elza .....	68
<b>Figura 8:</b> Meme 05 - Destruidora .....	69
<b>Figura 9:</b> Sangalo no quadro <i>Glitter</i> .....	70

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Tipos de Variação Linguística .....	21
<b>Quadro 2:</b> Classificações das Variedades Linguísticas .....	22
<b>Quadro 3:</b> Parecem, mas não são idênticos .....	24
<b>Quadro 4:</b> Tipologias Textuais.....	33
<b>Quadro 5:</b> Gêneros textuais emergentes na mídia virtual e suas contrapartes em gêneros preexistentes .....	37
<b>Quadro 6:</b> Proposta para o gênero em domínio discursivo e modalidades .....	41
<b>Quadro 7:</b> Níveis de leitura .....	54

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	14
<b>2 PONDO OS PINGOS NOS IS: ARTICULAÇÕES TEÓRICAS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA</b> .....	17
2.1 ANCORANDO A TEORIA VARIACIONISTA: POSTULAÇÕES SOBRE OS PRECEITOS TEÓRICOS .....	17
2.2 “O BABADO É CERTO”: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA DIANTE DOS VOCÁBULOS GÍRIOS .....	21
2.3 “ALGUM PROBLEMA, MONA?”: UM ESCOPO NA GÍRIA LGBT .....	24
<b>3 A LÍNGUA EM USO: OS GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS NA PRÁTICA SOCIAL E DIGITAL</b> .....	31
3.1 UM CLOSE NOS PRECEITOS TEÓRICOS .....	31
3.2 “QUE TIRO FOI ESSE, VIADO?” MIRANDO NOS GÊNEROS DIGITAIS! .....	35
3.3 O ALVO SÃO OS MEMES DA INTERNET! TÁ, MEU BEM? .....	38
3.3.1 De texto em texto, o intertexto .....	41
3.3.2 Não faz a palhaça: um viés humorístico para o gênero .....	45
3.3.3 Manas, as monas também criticam e ironizam .....	47
<b>4 A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO A PARTIR DA LINGUAGEM LGBT</b> .....	49
4.1 LEITURA VAI, SENTIDO VEM: PRECEITOS TEÓRICOS PARA UMA LEITURA MÚLTIPLA DE SENTIDOS .....	49
4.2 CONCEBENDO SENTIDOS: ACIONANDO CONHECIMENTOS PRÉVIOS .....	52
4.3 DO PAPEL PARA A TELA: A LEITURA NO OCEANO DIGITAL .....	56
<b>5 TRAJETOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b> .....	59
5.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA .....	59
5.2 COLETA DE <i>CORPUS</i> .....	60
<b>6 “VAI SER CHOQUE DE MONSTRO”: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS MEMES</b> ..	62
6.1 DESVENDANDO A LINGUAGEM DO VALE .....	62
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	72
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	74

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nas últimas décadas, a internet tem sido um meio promissor para diversos estudos, como também um meio de interação a partir do qual os indivíduos criam novas formas de comunicação. Assim, o espaço digital tem possibilitado estudar gêneros digitais, interações virtuais, variedades linguísticas entre outros fenômenos sociais. É neste ambiente digital que estabelecemos o *corpus* deste trabalho, fenômeno conhecido como “memes da internet”.

É neste ideal de instrumento de persuasão e luta que estabelecemos o interesse pelo signo criptológico, isto é, pelo vocábulo gírio restrito, pois consideramos que a gíria se estabelece enquanto um código que vai contra o convencional, não só cultural, mas também linguístico. Nos memes, flagraremos as gírias, objeto central do nosso estudo, mais especificamente as da comunidade LGBT<sup>1</sup> (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis).

A linguagem é uma ferramenta de poder bastante significativa, através dela os sujeitos manifestam suas vontades e desejos. O interesse na linguagem da comunidade LGBT também se dá pela necessidade de ressignificar os valores dessa comunidade, a mesma que é vista como marginal, amoral e sem virtudes somente porque foge do convencional. A comunidade LGBT luta por espaço e visibilidade há muito tempo.

Os movimentos desse grupo, assim como as paradas da diversidade, ocorrem não com o intuito de menosprezar os demais sujeitos, mas como instrumento para buscar respeito e inclusão social. A cultura LGBT tem crescido e ganhado seu espaço, podemos observar isso pelas *drags queens*<sup>2</sup> que têm ganhado destaque na música: Pablllo Vittar, Glória Groove, Lia Clark, Aretuza Lovi, Kaya Conky, entre outras personalidades do contexto gay, mas também na moda com a modelo transexual Lea T, na televisão com a apresentadora Fernanda Gentil e a atriz Nanda Costa, entre tantas outras celebridades e artistas.

Esta pesquisa é uma ferramenta de empoderamento<sup>3</sup> pessoal e social. Como o foco é a linguagem LGBT, mais especificamente as gírias, partimos de um viés variacionista, estabelecido a partir de fundamentos de William Labov (2008). Também fomentamos nossas

<sup>1</sup> Atualmente, há variadas siglas para indicar a constituição e a formação plural no que concerne a sexualidade na comunidade da diversidade. De acordo com Lau (2018), há de se pautar o uso da sigla ALGBTQI+ (assexuais, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, *queer*, intersexo e mais). Todavia, iremos nos ater ao uso da sigla LGBT por acreditarmos na sua relevância representativa, pois o uso desta sigla centraliza e determina a temática, não restringindo os sujeitos a ela associados, ou seja, todos e quaisquer sujeitos que não se identifiquem com o conceito hétero e/ou cis, devem e podem sentir-se sujeitos representados por esta pesquisa.

<sup>2</sup> Consoante Bechara (2011), são homens que se vestem com roupas extravagantes de mulher e imitam voz e trejeitos femininos apresentando-se como artista em shows.

<sup>3</sup> De acordo com Bechara (2011), o termo empoderamento visa a promoção dos sujeitos proativos buscando a mudança social, cultural e política, galgando a mudança e aumento da qualidade de vida. Deste modo, empoderar é buscar poder a fim da concretização de mudanças socioculturais.

reflexões a partir de estudos do sociolinguista brasileiro, Marcos Bagno (2007, 2009, 2014, 2015, 2017) que assim como Labov crê no caráter heterogêneo que a língua possui bem como na importância dos fatores extralinguísticos para o entendimento de uma língua e para refletir especificamente sobre o vocábulo gírio nos valemos de postulações de Dino Preti (1984, 2010).

A partir destas concepções passamos a estabelecer o caráter identitário do signo gírio e direcionamos nossa atenção para como a linguagem, enquanto instrumento de interação, possibilita que os sujeitos troquem experiências e assim também redimensionem seu arcabouço linguístico. Os gêneros enquanto instrumentos da sociocomunicação possibilitam que os sujeitos perpassem para cada geração valores, ideias e conceitos sobre si e sobre o mundo. O meme se situa enquanto gênero porque de acordo com Bakhtin (2003), podemos defini-lo a partir de estilo, conteúdo temático e composição.

Na relação de práticas sociais entre a língua e seu uso efetivo a partir de gêneros, observamos que os sujeitos sociais ou sóciovirtuais passam a interagir na internet com diversas linguagens, inclusive a linguagem gíria. Possibilitando o humor e crítica sociais. No que concerne a atividade de leitura, iremos nos ater às postulações de Koch & Elias (2006, 2015), mas também às de Martins (1989) e de Kleiman (2015), considerando que o sujeito que fala, que se comunica e que lê age pela interação e toda interação é uma prática social e toda prática social se dá pela linguagem.

Metodologicamente, esta pesquisa é de natureza qualitativa e de caráter descritivo/interpretativo. As análises estão direcionadas para um total de cinco memes, todos apresentando vocábulos gírios. O objetivo geral desta pesquisa é, portanto, analisar o uso de gírias da comunidade LGBT no gênero meme de internet, tendo como objetivos específicos os seguintes: a) reconhecer as gírias LGBT para o empoderamento do grupo; b) estabelecer a composição, conteúdo e estilo do gênero meme e c) analisar a variedade linguística no meme da internet.

Este trabalho divide-se em sete capítulos, após a realização das considerações iniciais no primeiro capítulo. O capítulo dois trata de uma breve revisão das postulações da sociolinguística na qual estabelecemos a relação existente entre as atitudes linguísticas e o falante, pois acreditamos em uma relação indissociável. Abordamos, também, o recorte do vocábulo gírio, seção do capítulo que aborda os conceitos diante do signo gírio.

O capítulo três aborda as concepções acerca de gêneros textuais/discursivos. Neste capítulo pautamos os conceitos a respeito destes instrumentos que viabilizam a comunicação social e digital. Abordamos, ainda, o meme enquanto gênero no ambiente virtual. A seguir, no

capítulo quatro, tratamos de conceitos e concepções sobre a atividade de leitura, tendo como viés as postulações que concernem foco no autor-texto-leitor, buscando estabelecer que a leitura é um ato que vai além dos signos.

O capítulo cinco dedica-se a pontuar o viés metodológico do trabalho. Inicia-se a partir da classificação da pesquisa e fecha-se nos direcionamentos da coleta de dados, isto é, em como realizou-se a constituição do *corpus* de análise. Já no capítulo seis, constam as análises e descrições dos memes selecionados, estabelecemos o teor identitário do gênero a partir da gíria LGBT. Por este prisma, retomamos os elementos composicionais do gênero meme, bem como analisa as possibilidades de sentido diante do gênero proposto.

O capítulo sete é o das considerações finais, no qual retomamos nossos objetivos e apontamos o alcance dos mesmos. Realizamos um panorama geral no qual enfatizamos nossas análises e constatações a fim de estabelecer uma valorização da temática. Por fim, não menos importantes, frisamos a seção de referências para que possam ser consultados os autores e as obras que consolidam esta pesquisa.

## 2 PONDO OS PINGOS NOS IS: ARTICULAÇÕES TEÓRICAS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

“Ninguém nunca deteve a evolução de uma língua, a não ser deixando de falá-la”

- Marina Yaguello (2001, p. 281)

O presente capítulo realiza uma abordagem teórica acerca dos posicionamentos da sociolinguística, mais precisamente, engajando-se na vertente variacionista. Desta forma, tendo a finalidade de discutir as premissas teóricas da variabilidade da língua recorreremos a conceitos mais “restritos” da linguagem dita “proibida”, desta maneira abordando as gírias em um conceito macro e posteriormente as gírias da comunidade LGBT, especificamente. As postulações teóricas deste capítulo guiam-se por preceitos de Bagno (2007; 2009; 2014; 2015; 2017), Labov (2008), Paiva (2018), Preti (1984; 2010), entre outros.

### 2.1 ANCORANDO A TEORIA VARIACIONISTA: POSTULAÇÕES SOBRE OS PRECEITOS TEÓRICOS

A partir da perspectiva sociolinguística de cunho variacionista, pauta-se o entendimento de língua como uma instituição social. Bagno (2017, p. 224, grifo do autor) afirma que “[...] é incontestável que as línguas são o elemento mais importante de uma **cultura**, de uma sociedade”. Considerando a língua como um elemento de poder, Bagno (2017) esclarece que para a sociolinguística é impossível abordar a língua sem abordar, paralelamente, os sujeitos sociais que a falam e as dinâmicas sociais, culturais e políticas do espaço em que estes sujeitos vivem.

É possível estabelecer uma relação entre língua/linguagem<sup>4</sup> e sociedade, pois, segundo Paiva (2018), a linguagem se associa ao meio social revelando características de uma época, de uma comunidade ou de um grupo social, desta maneira, os indivíduos são apresentados socialmente por sua linguagem. A linguagem possibilita a interação dos indivíduos com o meio em que agem, nossas atividades perante a sociedade não passam despercebidas, nossas ações ou são espelho para um novo deprender ou nossa ação é reflexo da atitude de outrem.

---

<sup>4</sup> Convencionou-se atribuir o termo linguagem à capacidade geral que temos enquanto seres humanos, de utilizar signos variados com vistas à comunicação. A língua, por sua vez, é uma noção que sugere que a capacidade de linguagem se atualiza em um material concreto disponível culturalmente. Assim, para efeito desta pesquisa, consideramos os termos linguagem e língua indistintamente.

Desta forma, somos indivíduos sociais que interagem, isto é, sujeitos interativos e estas interações têm resultados para e com o meio com o qual se socializa. O fato de a linguagem possibilitar as interações sociais é respaldado por Bagno (2014), o linguista afirma que a

[...] faculdade da linguagem é muito poderosa, porque nasce da aguda necessidade que nós, seres humanos, seres sociais e culturais, temos de interagir com nossos coespecíficos (membros da nossa mesma espécie), de aprender com eles, compartilhar nossas experiências e transmitir o conhecimento acumulado por nosso grupo social (BAGNO, 2014, p. 60).

As interações sociais permitem que os indivíduos propaguem seus aprendizados e assim perpassem uns para os outros seus conhecimentos acumulados durante suas vivências, deste modo, os indivíduos divulgam socialmente tudo o que depreendem do universo social. A língua não foge deste universo, entendemos a língua como uma instituição que se constrói a partir de todos os falantes, não é possível excluir falantes, mas sim inclui-los, é a linguagem quem promove essa inclusão. Vejamos abaixo:

[...] a linguagem se inscreve e circunscreve, fazendo uso da palavra, para conceder-lhe a prerrogativa de ser e servir como território de ação e interação, configurando processos em que a diversidade de óticas tanto condiciona quanto determina a descoberta dos significados e dos sentidos que lhe são possíveis [...] (MARTINS, 2016, p. 63).

Logo, a inclusão é a busca pelo próprio espaço, e ter seu espaço de (inter)ação é apropriar-se e empoderar-se como indivíduo social. Neste processo de ação entre ser e servir, o sujeito busca configurar-se dentro dos espaços que deseja atuar, incluindo-se, logo, sente-se aceito por um grupo/comunidade. É possível conceber que, apesar da linguagem ser ferramenta para a interatividade social, todo sujeito age e reage mais empaticamente com outro, desta forma, formando grupos sociais mais restritos e que podem constituir, pois, sua própria linguagem.

William Labov, linguista norte-americano, é considerado o instituidor da sociolinguística variacionista. Labov é uma figura fortemente original e influente, pois criou grande parte do método da sociolinguística. Uma de suas principais ideias é de que a variação é inerente à língua, sendo não só natural, mas também necessária para o funcionamento da linguagem humana. De acordo com Labov (2008), os indivíduos têm seu desempenho linguístico analisado não como um elemento homogêneo, mas sim como uma ação heterogênea, por isso, compreender a variabilidade linguística é entender que os indivíduos colocam em ação fatores socioculturais diversos durante o processo de comunicação.

Considerando a relação dos sujeitos sociais com a linguagem, como também considerando que a língua é indissociável da linguagem, entendemos que a língua é uma entidade interativa e dialógica. Para tanto, observemos o posicionamento abaixo:

[...] entendemos que os falantes/interactantes dominam a linguagem. Mesmo que cada um fale a seu modo, aproximando-se ou distanciando-se da forma socialmente prestigiada, a comunicação se realiza. As linguagens não são uniformes, homogêneas, pois são resultados das práticas sociais de seus falantes – consideremos, pois, a heterogeneidade social (PAIVA, 2018, p. 21).

Compreendendo que não há uma uniformidade linguística e que os indivíduos agem e reagem comunicativamente através da linguagem passamos a perceber que é necessário entender a especificidade das comunidades e grupos sociais. Desta forma, faz-se justo e necessário proporcionar o respeito à diversidade linguística, como também entender a ideia de pluralidade que envolve qualquer língua viva. Afinal, conforme cita Bagno (2007), a heterogeneidade linguística tem a ver com a propriedade encantadora da língua ser altamente estruturada, de ser um sistema organizado e por possibilitar a expressividade informacional, isto através de regras diferentes, todavia igualmente lógicas e coerentes.

Ao analisar a língua pelo viés da variação linguística, Bagno (2007) aponta fatores que contribuem para a identificação dos fenômenos linguísticos, fatores estes tidos como extralinguísticos. São eles:

- [ *Grau de Escolaridade*: este fator define o acesso do indivíduo à educação, à cultura letrada, ao processo de leitura e escrita, este fator influencia fortemente no desempenho linguístico dos sujeitos sociais;
- [ *Idade*: a partir deste fator as variantes se posicionam de modo temporal. Desta maneira, jovens falam diferente de adultos, que conseqüentemente falam diferente de idosos;
- [ *Mercado de Trabalho*: fator que indica a atuação profissional do indivíduo, este fator é influente na maneira em que o mesmo se comunica, desta forma há profissões que necessitam de um maior aparato linguístico e outras que minimizam este aparato;
- [ *Origem Geográfica*: este fator revela a variabilidade da língua de um lugar para o outro;
- [ *Redes Sociais*: por intermédio deste fator compreendemos que há um comportamento semelhante entre os indivíduos de uma rede junto àqueles que socializam com eles, ou seja, até mesmo o comportamento linguístico será semelhante;

- ☒ *Sexo*: fator que aponta o porquê de homens e mulheres fazerem usos diferentes das funções e dos recursos que a linguagem oferece;
- [ *Status Socioeconômico*: a partir deste fator observa-se o nível de renda capital do indivíduo, a fim de estabelecer se ele é baixo ou alto.

A partir dos fatores extralinguísticos postulados acima, Bagno (2007) afirma ser possível compreender que a variabilidade linguística possibilita a identificação de uma comunidade, de um grupo social. Por meio da observação do desempenho e proficiência linguística dos falantes, é possível perceber a especificidade de cada grupo. A partir destes preceitos, pautamos mais uma vez a interrelação entre língua e sociedade, tendo em vista que a língua apresenta sua variabilidade através da ação dos falantes.

Correlacionado aos fatores estabelecidos por Bagno (2007), a autora Bortoni-Ricardo (2004) estabelece que há atributos que também determinam a variabilidade linguística, são eles de ordem socioestruturais e sociofuncionais. Este atributo determina-se a partir da dinamicidade que ocorre por intermédio das interações sociais e aquele por fatores que determinam a individualidade do falante. O atributo socioestrutural constitui-se, dentre outros fatores, através dos fatores extralinguísticos, logo, a orientação sexual e identidade de gênero do sujeito estão atrelados à sua individualidade. Já o sociofuncional determina-se, de acordo com Paiva (2018), pela dinâmica que a linguagem possui dentro dos contextos mais específicos, a partir disto compreendemos que os indivíduos do grupo LGBT dinamizam a linguagem quando estão inseridos e agindo em sua comunidade de prática específica.

Sabemos que a relação entre língua e sociedade é uma relação intrínseca, a partir disto pautamos a heterogeneidade linguística. A sociolinguística classifica as percepções em torno da variação linguística a partir de seis tipos. Veremos estas classificações a partir de pressuposto de Bagno (2007) e Paiva (2018). Observemos a seguir:

**Quadro 1:** Tipos de Variação Linguística

<b>Tipo de variação</b>	<b>Conceito</b>
<b>Diastrática</b>	Este conceito de variável busca a comparação entre os falares de classes sociais diferentes, deste modo também é chamada de variante social.
<b>Diamésica</b>	Este pressuposto baseia-se na comparação entre a língua falada e a escrita, inclusive esta análise pauta-se também nos pressupostos dos gêneros textuais/discursivos.
<b>Diatópica</b>	Este tipo de variante atrela-se à questão de espaço geográfico, visa comparar os modos de falar de lugares diferentes.
<b>Diacrônica</b>	Evidencia-se um estudo pautado na análise comparativa a partir de um <i>corpus</i> histórico, pois acredita-se na transformação da língua através do tempo
<b>Diafásica</b>	Há uma análise do falar dos indivíduos em diferentes contextos de comunicação, assim faz-se um monitoramento do comportamento linguístico dos falantes
<b>Estilística</b>	Propõe a análise da língua por meio da observação do modo de falar dos indivíduos, o contexto ordenando a situação comunicativa em que a linguagem é posta, assim havendo o acionamento de um comportamento linguístico mais ou menos “apropriado”

**Fonte:** elaborado pelo autor deste trabalho a partir de postulações de Bagno (2007) e Paiva (2018).

Cada variedade linguística é específica e possui seu valor sociocultural, por isso não se faz necessário pautar se é ou não melhor que a forma padrão, apenas são variedades que existem mutuamente. Assim, compreende-se que a variedade linguística corresponde ao modo de falar de determinado grupo social, diferenciando-se por diversos fatores, como sociais, culturais e econômicos.

## 2.2 “O BABADO É CERTO”: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA DIANTE DOS VOCÁBULOS GÍRIOS

As variações **social** e **estilística** representam e desempenham um papel importante nos estudos sociovariacionistas voltados às comunidades de fala e grupos sociais. Afinal, a variação social caracteriza o indivíduo enquanto pertencente à uma comunidade específica e a variação estilística posiciona o indivíduo enquanto um sujeito que não está unicamente assujeitado à comunidade, este apresenta suas características particulares. Como exposto abaixo:

Por “social” entendo aqueles traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea; e por “estilística”, as alternâncias pelas quais um falante diz ao ouvinte algo sobre si mesmo e seu estado mental, além de dar informações, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística (LABOV, 2008, p. 313).

Acabamos por compreender que esta classificação considera a variabilidade linguística a partir de seu campo social de atuação, sua classe social e sua identidade, como afirma Paiva (2018, p. 24), [...] baseia-se nas relações interpessoais dos interactantes definidas por aspectos socioculturais e contextos sociais”. É válido ressaltar que as variedades linguísticas também costumam ser classificadas por nomes distintos, vejamos estas classificações a partir de postulações de William Labov e Marcos Bagno:

**Quadro 2:** Classificações das Variedades Linguísticas

Nomenclatura	Definição
<b>Dialeto</b>	De acordo com Bagno (2007), termo usado para designar um modo próprio de falar de um determinado lugar e/ou região
<b>Cronoleto</b>	Termo usado para designar uma faixa etária específica de falantes ou uma geração específica, como dita Bagno (2007).
<b>Idioleto</b>	Segundo Labov (2008), introduziu-se o termo para representar a fala de uma só pessoa falando sobre um mesmo assunto para a mesma pessoa por um período de tempo curto.
<b>Socioleto</b>	Conforme Bagno (2007), o termo designa a variedade linguística de um grupo de falantes que compartilham de características em comum.

**Fonte:** elaborado pelo autor deste trabalho a partir de postulados de Bagno (2007) e Labov (2008).

Compreendendo a existência destas divisões, estabelecemos que este trabalho se direciona, pois, ao **socioleto**, afinal é o posicionamento da variedade linguística que considera os falantes imersos em grupos e que assumem características sinonímicas, isto é, comuns. Desta forma, nos direciona ao grupo LGBT qual possui sua gíria própria.

A gíria é um vocábulo que, segundo Preti (2010), está situado dentro dos tabus linguísticos, mais especificamente no campo da linguagem “proibida”. A gíria é o vocábulo visto como de baixo prestígio, juntamente com os “palavrões”, os vocábulos obscenos e etc. A gramática normativa exclui a gíria e valoriza o uso da norma-padrão. Acredita-se que a

gíria vem a ser um léxico parasita, constituindo, pois, uma variedade estigmatizada. Para tanto, atentemo-nos à postulação abaixo:

O estudo da linguagem erótica, como não poderia deixar de ser, situa-se no campo dos tabus linguísticos morais e abrange áreas sobre as quais, quase sempre e por motivos óbvios, se tem preferido calar, como, por exemplo, a dos vocábulos obscenos, a dos “palavrões” e blasfêmias, a da **gíria**, a do discurso malicioso (PRETI, 2010, p. 17, grifo do autor, grifo nosso, respectivamente).

Desta maneira, todos os fenômenos da linguagem merecem ser estudados. Desconsiderar a existência dos vocábulos gírios é promover um preconceito linguístico. Os falantes, segundo Bagno (2009), são os melhores gramáticos de uma língua, entendamos gramática neste contexto não só como um conjunto de regras a respeito de uma língua, mas também como uma inerência dos indivíduos de poder construir sentenças e ideias coesas. Se há gírias em uma língua é porque elas têm uma função. Como podemos observar a seguir:

[...] toda manifestação linguística é um fenômeno que merece ser estudado, é um objeto digno de pesquisa e teorização, e se uma forma nova aparece na língua é preciso buscar as razões dessa inovação, compreendê-la e explicá-la cientificamente, em vez de deplorá-la e condenar seu emprego (BAGNO, 2009, p. 34-35).

Os puristas defendem a “pureza” da língua, sendo contrários a todas as formas inovadoras, pois consideram estas formas como elementos para a decadência e ruína do vernáculo da língua. Aceitar como viável a visão dos puristas a respeito da língua é posicionar-se preconceituosamente em relação aos modos de falar de quaisquer sujeitos que fazem uso dos “parasitas” da linguagem. É necessário, portanto, que se conceba a língua como híbrida e mutante, como afirma Bagno (2009), precisamos aprender a conviver com a variedade e riqueza da língua.

Considerando que a gíria é uma existência real no vocabulário brasileiro e que a língua é uma construção social, entendemos que o vocabulário dos sujeitos sociais se constitui a partir da memória da comunidade, ou seja, é um conjunto de palavras e expressões memorizadas, assim é a representação da própria história dos sujeitos. A partir disto, podemos e devemos conceber que há uma relação entre a língua e os costumes sociais, a partir disto, observaremos as relações de conveniência e de prestígio social dos vocábulos gírios.

A seguir, acompanharemos definições que irão distinguir alguns termos que são tratados, muitas vezes, como semelhantes, quando na verdade têm seus aspectos próprios.

**Quadro 3:** Parecem, mas não são idênticos

<b>Termo</b>	<b>Conceito</b>
<b>Calão</b>	De acordo com Bagno (2017), designa o linguajar rude e/ou grosseiro, sendo tido como linguagem pejorativa, obscena e vulgar.
<b>Jargão</b>	Segundo Bagno (2017), designa o vocabulário técnico ou especializado empregado dentro de determinada profissão, ciência ou área de conhecimento, desta maneira, vem a ser um elemento que facilita a comunicação profissional.
<b>Gíria</b>	Conforme Bagno (2017), designa inicialmente vocábulos próprios de um setor da sociedade tido como marginal. Os usuários criam, aprendem e transmitem com pressupostos crípticos.
<b>Bordão</b>	Afirma Reis (2011) ser uma palavra ou frase que se propaga inconscientemente a ponto de virar uma marca, um refrão; uma frase que um personagem dispara em determinadas situações.

**Fonte:** elaborado pelo autor deste trabalho a partir de Bagno (2017) e Reis (2011).

Como exposto acima, o calão é um grupo de palavras que designa linguagem grosseira, isto é, está voltado a valores obscenos e vulgares, é o termo que abarca os “palavrões”, por exemplo. Os jargões, às vezes, são confundidos com o vocabulário gírio, entretanto, os jargões têm vistas direcionadas aos termos técnicos e/ou científicos, ou seja, estão presentes nos ramos profissionais, diferente das gírias que se direcionam para as relações de grupos sociais restritos. Por fim, compreendemos que bordões são variedades, sendo palavras e/ou expressões que se destacam midiaticamente, desta forma, propagam-se socialmente promovendo um modismo volátil.

Os indivíduos podem até não saber, mas a partir do momento em que socializam acabam por “beber de fontes” diversas, isto é, acabam por estar imersos em espaços que influenciam não só suas atividades socioculturais, mas também suas atividades linguísticas. De acordo com Preti (2010), o maior problema diante da análise dos vocábulos gírios é a demarcação do campo do fenômeno dentro do espaço popular.

O vocábulo gírio tem como maior característica seu preceito criptológico, pois a gíria existe pela concretização de um grupo específico, isto é, fechado. Desta maneira, a gíria está ligada à essência social e cultural de um grupo restrito. É a partir disto que Preti (2010, p. 87) afirma que “é pelo que poderíamos chamar de gíria de grupo que os falantes expressam sua visão e julgamento da sociedade que os cerca”.

O caráter criptológico da gíria tem ligação direta com a ideia de expressar-se a respeito da sociedade, pois tendo em vista o preconceito social, os indivíduos de grupos sociais passam a criptografar suas comunicações a fim de poder criticar o meio sem que sejam rechaçados, ridicularizados ou agredidos, por isso Preti (1984) afirma:

A criação dessa linguagem especial pode não apenas atender ao desejo de originalidade, mas também servir a finalidades diversas, como, por exemplo, ao desejo de se fazer entender apenas por indivíduos do grupo, sem ser entendido pelos demais da comunidade, de onde advém o seu **caráter hermético** (PRETI, 1984, p.02, grifos nossos).

O caráter hermético, que o autor se refere, é o caráter misterioso da linguagem gíria. O vocábulo gírio perpassa a ideia de criatividade grupal, o vocábulo tem sua concepção comunicativa, nasce do anseio de fazer-se entender apenas pelos indivíduos que constituem um grupo específico. Porém, há um momento em que o vocábulo começa a perder sua “personalidade”, isto é, acaba por perder seu caráter hermético, passa a coexistir dentro da linguagem popular. Desta forma, o vocábulo conceitua-se gírio **restrito** quando significa e conceitua um grupo específico e fechado, passa a ser um vocábulo **comum** quando se dissocia do grupo restrito e passa a fazer parte do grande universo da linguagem, ou seja, há uma popularização do vocábulo.

O motivo para tal popularização tem relação direta com a ascensão da grande mídia, pois a linguagem passa a ser lida, ouvida e escrita nos mais diversos meios de comunicação, pois, segundo Preti (2010), o contato entre língua oral e escrita, em particular pelos textos de jornais e, mais recentemente, pela crescente influência do rádio, da televisão e da internet onde tem divulgado os vocábulos gírios em entrevistas e telenovelas.

O vocábulo gírio é um signo, muitas vezes tido, de forma preconceituosa, como um vocábulo marginalizado, pois é associado aos grupos de bandidos, prostitutas, travestis e etc. Entretanto, por muitas vezes, grupos de prestígio social como: universitários e profissionais de áreas diversas, que possuem uma linguagem própria, são taxados como indivíduos que utilizam de uma linguagem informal, porém a linguagem utilizada pelos que fogem de supostos padrões morais é tida como linguagem de “malandro”. Posicionar-se positivamente em relação aos processos de mudança e variabilidade linguística é entender que não se deve ter preconceito linguístico atrelado às definições de variantes existentes. A respeito do preconceito linguístico Bagno discerne o seguinte:

O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é “invisível”, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele, com exceção dos raros cientistas sociais que se dedicam a estudá-lo. Pouquíssimas pessoas reconhecem a existência do preconceito linguístico, que dirá a sua gravidade, como um sério problema social (BAGNO, 2015, p. 22).

Compreender este tipo de preconceito é conceber que é inviável rechaçar as gírias e querer concebê-las apenas em grupos específicos que estejam ligados aos valores morais, pois

este preconceito é a discriminação dos indivíduos juntamente com seus conhecimentos socioculturais. Devemos compreender que o preconceito que circunda estas variedades é mais social do que linguístico, afinal deseja-se inferiorizar o signo gírio por estar atrelado ao grupo “marginal”.

Segundo Bagno (2015), é difícil combater o preconceito já que ele existe na mente de cada sujeito, porém podemos combater a discriminação. Discriminar indivíduos por sua linguagem, isto é, as inovações e diversidades linguísticas que utilizam, é rechaçar e excluir estes sujeitos, assim como não aceitar e compreender a sua diversidade sexual. Afinal, como há uma necessidade do ser humano pela inclusão, os sujeitos buscam grupos específicos que os aceitem social e linguisticamente.

Portanto, o vocábulo gírio é um signo de defesa/ataque dos indivíduos que constituem um grupo restrito, acaba tornando-se um elemento de identificação e autoafirmação dos falantes. Segundo Preti (1984), quanto mais forte for o sentimento de união que liga um grupo, mais forte será sua linguagem gíria e seu poder de identificação. Assim, o surgimento das gírias em grupos sociais condiz com a dinâmica social e linguística dos falantes e integrantes de grupos específicos.

A linguagem não possibilita apenas a interação dos sujeitos, mas age como uma ferramenta de batalha e indignação social: ora espada, para os preconceituosos, ora escudo, para os indivíduos de grupos restritos. Preti afirma em *A gíria e outros temas* (1984, p. 04) que “Falando diferente, estropiando a linguagem usual, ele agride o convencional, opõe-se ao uso aceito pela maioria e deixa marcado seu conflito com a sociedade” e mesmo considerando-se o caráter efêmero do signo gírio o autor reafirma em *A linguagem proibida* (2010, p. 87) que os sujeitos “[...] agridem com esse vocabulário o convencional, opõem-se a um comportamento linguístico escolhido pela maioria como norma e, assim, deixam marcado seu conflito com a sociedade”

É a partir disto que entendemos a construção da gíria como uma linguagem especial, vocábulos acessíveis a uma minoria, também constituindo um vocábulo de agressão e defesa dos indivíduos “marginais” perante a comunidade comum que os segregam por preconceitos não só linguísticos, mas sociais, como é o caso dos indivíduos LGBT que terão um enfoque direcionado na seção seguinte deste trabalho.

### 2.3 “ALGUM PROBLEMA, MONA?”: UM ESCOPO NA GÍRIA LGBT

A comunidade LGBT não está dissociada da ideia de marginalidade, pois ao considerarmos o termo marginal a partir do *Dicionário Língua Portuguesa Evanildo Bechara*, teremos a seguinte descrição: “Que ou quem não está bem integrado no seu meio” (BECHARA, 2011, p. 811). Desta forma, compreende-se que os indivíduos considerados marginalizados não estão única e somente atrelados a ideais desonrosos, há também uma caracterização de exclusão mediante o termo, e é o que ocorre com os sujeitos LGBT.

Deste modo, os indivíduos LGBT passam a constituir uma comunidade restrita dentro de sua própria comunidade social, pois buscam a aceitação de um grupo que os considere parte integrante de um todo. Assim, consagram-se comunidades a partir dos sujeitos que possuem uma característica similar com a personalidade dos demais indivíduos da comunidade.

A linguagem adotada pela comunidade LGBT concentra-se dentro do universo dos socioletos, entendidos por Bagno (2017) como as variedades faladas pelas coletividades fechadas e com grande consciência de união de grupo. Ao tratarmos de gírias, aquelas da marginalidade social são as mais características (presidiários, travestis, homossexuais, prostitutas), o distanciamento social, econômico e político em relação a uma comunidade e/ou grupo social de prestígio possibilita a criação de variedades estigmatizadas e fortemente diferenciadas.

O fato de as línguas africanas terem contribuído e influenciado na formação da Língua do Brasil, é um fato irrefutável. A predominância de termos africanos na comunidade LGBT deve ser observada, vejamos a seguir:

Do século XVI ao século XIX, o tráfico transatlântico trouxe em cativo para o Brasil quatro a cinco milhões de falantes africanos originários de duas regiões da África subsaariana: a região do banto, situada ao longo da extensão sul da linha do equador, e a região oeste-africana ou “sudanesa”, que abrange territórios que vão do Senegal à Nigéria (CASTRO, 2005, p. 03).

A autora data historicamente a vinda de povos africanos para o continente sul-americano, isto entre os séculos 16 e 19. Ao considerarmos que todos os povos que aqui chegaram ou que por aqui passaram contribuíram social e culturalmente devemos e podemos depreender que as contribuições e influências africanas são pertinentes e existentes no português brasileiro.

Como pautado por Bagno (2017), a linguagem gíria proveniente do grupo LGBT consagra-se a partir do *bajubá*, que é definido por Vip & Libi (2013) como a linguagem praticada inicialmente pelos travestis e posteriormente estendida a todo o universo gay. A partir disto, entendemos que “O *bajubá* falado emprega uma mistura lexical (do próprio *bajubá*, do português e, em menor grau, do tupi) sobre a base gramatical e fonológica da língua portuguesa” (VIP & LIBI, 2013, p. 26).

O termo *bajubá* é proveniente do iorubá, língua ligada às práticas religiosas do *candomblé*. Castro (2005) discerne que o iorubá é uma língua única, é constituída por um grupo de falares regionais concentrados no sudoeste da Nigéria e no remoto Reino Queto. Atualmente, em Benim, é chamada de *nagô*, denominação pela qual os iorubás ficaram popularmente conhecidos no Brasil. A respeito do uso da gíria LGBT, observamos que

Os usuários da língua que provém do iorubá, o *bajubá*, utilizam-na quando estão reunidos em suas “comunidades de prática”, muitas vezes para falar sobre determinado assunto, para que outros ao redor não saibam do que estão falando, como uma espécie de código (LAU, 2015, p. 95, grifo do autor).

O autor respalda o caráter criptológico pautado por Bagno (2017) e Preti (1984; 2010), pois este caráter é de característica hermética. Os indivíduos atuam em suas atividades e comunidade de prática com uma linguagem que os caracteriza e os determina enquanto grupo social. Como dito anteriormente, a linguagem gíria de um grupo torna-se seu instrumento de ataque e defesa social, desta forma os posicionando contra o convencional, não só linguístico, mas também sociocultural.

A respeito da popularização dos vocábulos gírios do grupo LGBT, Lau (2015) aponta que algumas expressões e gírias não ficam presas somente à comunidade, pois outros indivíduos, especialmente as mulheres, utilizam dos mesmos termos e quase que no mesmo contexto, o autor apresenta o seguinte exemplo: quando os sujeitos LGBT se remetem à *fofoca*, o termo que designam à situação é: “*babado*”, termo este que foi criado/adotado pela comunidade LGBT, mas também já está atualmente sendo utilizado por mulheres heterossexuais para referir-se à mesma situação (LAU, 2015).

A partir do momento que entendemos a comunidade LGBT como um grupo marginalizado, ou seja, que sofre preconceito, passamos a compreender que a sociedade rechaça e comete atos injuriosos com os indivíduos do grupo, pois, na visão preconceituosa da sociedade, são indivíduos que se divergem do padrão social, cultural e religioso. Há, inclusive, alguns termos específicos usados para denegrir e atacar LGBT, vejamos:

No universo heterossexual ouvimos muito falar “viado”, “bichinha” para algo ruim, inferiorizando a orientação do sujeito homossexual. No universo gay, os próprios sujeitos se chamam de “viado” em determinados contextos, para chamar a atenção dele, por exemplo, sem menosprezar (LAU, 2015, p. 99).

Com a finalidade de realizar uma defesa para a comunidade LGBT, os próprios indivíduos da comunidade ressignificam os termos pejorativos em símbolo de resistência e luta. Afinal, não são termos em blasfêmia que irão erradicar ou sucumbir a cultural e os sujeitos pertencentes ao grupo LGBT. Em sinal desta resistência e com a finalidade de preservar e conservar a cultura linguística deste grupo social específico, os vocábulos e expressões adotados pela comunidade foram reunidos em um dicionário intitulado *Aurélia, a dicionária da Língua Afiada*. Segundo os autores, Vip & Libi (2013), o material não foi concebido com a pretensão de ser politicamente correto, pois muitos termos são tidos pela sociedade como chulos e pejorativos. Observemos a seguir alguns termos que exemplificam a linguagem LGBT:

**Abalar** = “v.t.d. Fazer algo bem feito” (p. 17).

**Arrasar** = “v.t.d e int. 1. Fazer algo bem feito e/ou com graça; 2. Se jogar; 3. Ir fundo; 4. Soltar a franga [...]” (p. 21).

**Babado** = S.m. 1. Acontecimento qualquer, podendo tanto ser bom como mau; 2. Bas-fond; 3. Caso amoroso e/ou sexual” (p. 25).

**Bicha** = “S.f. Homossexual masculino; gay; viado; homem efeminado” (p. 29).

**Dar a Elza** = “(do bajubá) Expr. Roubar; afanar; pilhar” (p. 48).

**Elza** = “(do bajubá) S.f. Roubo” (p. 53).

**Fazer a ...** = “Expressão com o sentido de dar uma de ... Ex.: Não faz a maluca” (p. 60).

**Fazer a egípcia** = “Expr. Virar a cara e ficar de perfil (como as figuras egípcias), a fim de menosprezar ou ignorar alguém [...]” (p. 60).

**Mona** = “(do bajubá) S.f. O termo originalmente designa mulher, mas é frequentemente usado para denominar homossexual masculino” (p. 92).

**Poc-poc** = “S.f. (SP) O mesmo que *quaquá*” (p. 106).

**Quaquá** = “S.f. homossexual efeminado; bichinha” (p. 111).

**Sair do armário** = “Expr. Assumir publicamente a sexualidade; *outing*; as variações *derrubar a porta do closet* e *chutar a porta do closet* significam assumir-se com estardalhaço” (p. 119, grifos dos autores).

A linguagem, neste contexto, se consagra enquanto potencializadora dos sujeitos LGBT, uma vez que o uso do vocábulo gírio e o reconhecimento deste vocábulo proporcionam o empoderamento dos indivíduos da comunidade em questão. Assim, o empoderamento aponta para elevação dos sujeitos proativos em busca da transformação tanto sociocultural quanto política, objetivando a mudança e ampliação da qualidade de vida. Deste modo, empoderar é buscar poder a fim da concretização de mudanças socioculturais. Entretanto, é válido salientar, que neste contexto, o termo empoderamento funciona junto ao linguístico, porém, o empoderamento não é da gíria LGBT em si, mas dos próprios indivíduos que constituem esta comunidade específica.

Contudo, este empoderamento social se faz por intermédio do conhecimento e da representatividade atrelada a este signo linguístico específico. Destarte, compreendendo que a linguagem ocorre de maneiras diversas e que os indivíduos, socializam, propagam e divulgam cultura de formas variadas, iremos pautar que os sujeitos interagem por intermédio dos gêneros de texto/discurso, afinal observamos nestes a língua em sua realização concreta e, por isso, também merece nossa atenção.

### 3 A LÍNGUA EM USO: OS GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS NA PRÁTICA SOCIAL E DIGITAL

“Na medida em que as tecnologias de comunicação continuam a se desenvolver e se transformar, o mesmo acontecerá com as formas linguísticas e práticas comunicativas correspondentes”

- Crispin Thurlow (*apud* Rajagopalan, 2013, p. 37)

Neste capítulo, refletiremos sobre a língua em uso, isto é, como a língua faz-se acontecer a partir dos chamados gêneros textuais/discursivos. Compreenderemos, pois, o que são os gêneros, suas características, precisamente, focalizaremos os gêneros digitais, tendo como “alvo” principal o modismo virtual: os memes da internet, assim como seus elementos constituintes no que concerne a temática. Para tanto, iremos considerar conceitos de Bakhtin (2003), Marcuschi (2008), Recuero (2014), Koch & Elias (2015), Barreto (2015), Paiva (2018), Possenti (2010), entre outros.

#### 3.1 UM CLOSE NOS PRECEITOS TEÓRICOS

A terminologia empregada na definição de gêneros apresenta algumas variações, como gêneros discursivos, gêneros do discurso, gêneros de texto, gêneros textuais. Assim, para efeito deste trabalho, há de se considerar, como muitos autores, indistintamente, os termos gênero textual e gênero discursivo, ambos se referindo a tipos de enunciados relativamente estáveis, que estão vinculados a situações de comunicação social.

Sob este entendimento, contextualizaremos, para a melhor compreensão, a definição de gênero a partir dos filósofos Aristóteles e Platão, pois estes foram os primeiros estudiosos a definir um conceito para gênero. Para estes pensadores gregos, os gêneros estão direcionados à literatura e também à retórica. É por intermédio deste posicionamento que Paiva (2018, p. 40) estabelece que, “[...] limitam-se a conceber gênero em dois aspectos: na sua especificidade e nas diferenças entre si, separando-os, assim, no que conhecemos em lírico, épico e dramático [...]”.

Compreendendo que os gêneros são tipos de enunciados que estão vinculados à comunicação humana, entendemos que eles são constituídos por meio da interação e relação dialógica, isto ocorre por intermédio da linguagem. Estes pontos, à *posteriori*, foram

estudados por Bakhtin – filósofo russo que abordou a linguagem como uma prática de socialização e que se faz a partir desta prática. Deste modo, Paiva (2018) postula que

O **homem** domina a **linguagem** para suas atividades comunicativas, constituindo-se numa **prática social** – uma via de mão dupla – onde a interação verbal [...] em conformidade com o **enunciado** [...] constroem o **discurso**; a interdependência e a dinâmica destes elementos resultam o **gênero do discurso** (PAIVA, 2018, p. 41, grifos da autora).

Entendendo que os gêneros são utilizados pelo homem em suas práticas comunicativas, também compreendendo que as práticas comunicativas são diversas, passamos a considerar que há uma infinidade de gêneros. Assim, a teoria de Bakhtin (2003, p. 262) aponta que

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

O autor estabelece que, à medida que as atividades humanas se intensificam e se ressignificam, novos gêneros surgem, a partir disto estabelecemos que “Os gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável e não sabemos ao certo se é possível contá-los todos, pois como são sócio-históricos e variáveis, não há como fazer uma lista fechada [...]” (MARCUSCHI, 2008, p. 159).

Desta forma, a natureza não só social, mas também de valor histórico dos gêneros, pois, através destes, marca-se a história de um povo, os acontecimentos que regem uma nação e a marcam culturalmente, isto ocorre por meio de gêneros variados. Deste modo, é necessário saber que há inúmeros gêneros existentes. Koch & Elias (2006, p. 101) pontuam que “[...] estudiosos que objetivaram o levantamento e a classificação de gêneros textuais desistiram de fazê-lo [...]”, tendo em vista sua dinamicidade.

Por outro lado, se os gêneros são incontáveis, os tipos de texto não ultrapassam uma equivalência de cinco tipos, e faz-se necessário não confundir gênero textual com tipologia textual, vejamos:

#### Quadro 4: Tipologias Textuais

Tipos Textuais	
x	<b>Ar.gu.men.ta.ção</b> <i>sf.</i> 1. Ação ou efeito de argumentar. 2. Conjunto de argumentos.
x	<b>Des.cri.ção</b> <i>sf.</i> 1. Exposição oral ou escrita das características de algo ou alguém.
x	<b>Ex.po.si.ção</b> <i>sf.</i> 1. Ação ou efeito de expor (-se); exibição.
x	<b>In.jun.ção</b> <i>sf.</i> 1. Imposição (de sociedade, circunstâncias, etc.) da qual não se pode escapar.
x	<b>Nar.ra.ção</b> <i>sf.</i> 1. Exposição de fatos reais ou fictícios; narrativa. 2. Cin. Teat. Telev. Fala que explica ou comenta o que está sendo mostrado.

Fonte: Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara, 2011.

Ao observar o quadro, identificamos a existência de cinco tipologias, como dito, os gêneros ultrapassam essa equivalência. Os gêneros por se diversificarem são flexíveis e dinâmicos, contudo, os gêneros constroem-se a partir da relação entre os tipos. Às vezes, há confusão entre a distinção de tipo e gênero, no entanto, não há motivos para confrontar estes dois pontos, eles não se divergem, eles se completam. Ambos constituem o funcionamento cotidiano das práticas humanas, assim vemos o postulado de Marcuschi (2008, p. 156):

[...] não devemos imaginar que a distinção entre gênero e tipo textual forme uma visão dicotômica, pois eles são dois aspectos constitutivos do funcionamento da língua em situações comunicativas da vida diária [...] eles são parte integrante da sociedade e não apenas elementos que se sobrepõe a ela.

Os gêneros organizam nossas atividades comunicativas, devemos, pois, compreender sua existência como um instrumento integrante da sociedade, não como um instrumento que está acima da atividade humana, mas sim como coadjuvante dela. Considerando-se a dinamicidade da língua, Bakhtin estabelece para os gêneros do discurso dois grupos macros: os gêneros primários e secundários.

Os primários constroem-se em situações espontâneas de uso da linguagem, como as que emergem nas conversas cotidianas. Os gêneros primários são, assim, produto da memória oral de um grupo – bilhetes, conversações, entre outros. Conforme Bakhtin (2003), os gêneros discursivos secundários são os complexos, por exemplo, romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, entre outros.

A diferença entre os gêneros primários e secundários não se centraliza na funcionalidade, mas na relação entre si, pois os secundários, apesar de considerados como estruturas mais complexas, são resultantes da fusão com estruturas de ordem primária. Há, pois, uma reelaboração do gênero, passando a ser acionado por outras interações. Vale ressaltar que a complexidade dos secundários é tida por estabelecer, em sua maioria, uma

relação direta com o discurso escrito e estar direcionado a contextos mais complexos e elaborados. Entre simplicidade e complexidade, independente de nível, os textos se fazem por intermédio de algum gênero, vejamos abaixo:

Os textos sempre se realizam em algum gênero textual particular, seja uma notícia de jornal, uma piada, uma reportagem, um poema, uma carta pessoal, uma conversa espontânea, uma conferência, um artigo científico, uma receita culinária ou qualquer outro. E cada gênero tem maneiras especiais de ser entendido, não se podendo ler uma receita culinária como se lê uma piada [...] os gêneros não são simples formas textuais, mas formas de ação social (MARCUSCHI, 2008, p. 243).

Desta forma, segundo Bakhtin (2003), os gêneros são produzidos havendo uma correspondência com as necessidades específicas de determinados contextos, assim, possuem estilos também específicos, como também diferente funcionalidade. As condições e necessidades de cada contexto geram gêneros com enunciados de estilo, temática e composição estrutural diversificados.

Consoante Marcuschi (2008) e Bakhtin (2003), podemos entender que estilo está direcionado ao sujeito, isto é, à forma que o mesmo decide proferir informações; a temática direciona-se ao conteúdo, assim parte da intenção do sujeito mediante a situação comunicativa e, por fim, a composição que tem relação com a estrutura do texto, ou seja, há elementos que possibilitam o reconhecimento de um gênero facilmente.

Destarte, a definição do gênero se dá por sua funcionalidade, pois pelo fato de haver características comuns entre os gêneros, a funcionalidade do mesmo irá designar sua utilidade social. Para tanto, Marcuschi (2010, p. 31) estabelece que: “Não podemos defini-los mediante certas propriedades que lhe devam ser necessárias e suficientes. Assim, um gênero pode não ter determinada propriedade e ainda continuar sendo aquele gênero”.

O conhecimento e reconhecimento de um gênero também torna relevante a reflexão acerca dos gêneros como instrumentos de controle social. Afinal, como pauta Paiva (2018, p. 45), “[...] aquele que domina uma maior variedade de gêneros e, que usa estes gêneros com propriedade, coloca-se numa posição superior em relação ao outro”.

A partir destas postulações passaremos, na seção seguinte, a pautar considerações pertinentes a respeito dos gêneros digitais, tendo em vista que a linguagem, com o advento da internet, está se tornando mais ampla. Posteriormente, avançando nossos estudos em direção aos memes de internet.

### 3.2 “QUE TIRO FOI ESSE, VIADO?” MIRANDO NOS GÊNEROS DIGITAIS!

Desde a chegada da internet, há muito o que se pensar e questionar sobre as teorias que cercam a comunicação e interação humana. A internet é uma potencializadora da comunicação, pois é um serviço à disposição da interatividade. Como estabelece Marcuschi (2008), a internet possui e direciona os mais diversos gêneros possíveis, a partir disto entendemos que “[...] a comunicação mediada por computador abrange todos os formatos de comunicação e os respectivos gêneros que emergem nesse contexto” (MARCISCHI, 2008, p. 199).

Com o advento da internet, variados gêneros começam a surgir, é o que Marcuschi (2008) nomeou de gêneros emergentes na era digital – bate-papo, *chat*, *e-mail*, *blog* – que constituem ponte muitíssimo íngreme entre textual concreto e oralidade. Afinal, *chats* e conversações espontâneas ocorrem por um pressuposto de conversa em tempo real e que não necessitam de um aspecto formal da linguagem.

Assim, a dimensão da comunicação não ocorre no modelo face a face. Ela é contemplada na dimensão eu-você, pois “Surgiram os gêneros digitais e com eles novos meios de comunicação e alteração de outros. Todavia, vale ressaltar que embora novas alternativas de comunicação tenham surgido ou se modernizado, a comunicação mantém-se centrada na relação dialógica EU/VOCÊ” (PAIVA, 2018, p. 48). Desta forma, há uma ampliação no alcance da comunicação.

Da mesma maneira que a comunicação passa a ter uma ampliação, a linguagem também se amplia, passamos a conceber a linguagem não só como aspecto da interação social física, mas também passa a ganhar *status* virtual. Compreendendo estas “mutações”, também compreendemos que na contemporaneidade as práticas sociais também passam a ser realizadas em gêneros digitais. Para tanto, pautamo-nos no conceito de suporte, ou seja, o meio ou a forma pela qual um texto tem sua veiculação e apresentação. Desta forma, Marcuschi (2008, p. 174) aponta que “[...] entendemos aqui como suporte de um gênero um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”.

É a partir desta reflexão que tomamos as redes sociais como ambientes propícios para a veiculação dos gêneros digitais mais diversos, especialmente dos mais informais, pois as redes sociais são espaços de interação social que estão desvinculadas de padrões normativos e que dão espaço para a socialização em sua amplitude. Recuero (2014, p. 20) estabelece que “As redes sociais [...] não são pré-construídas pelas ferramentas, e, sim, apropriadas pelos

atores sociais que lhes conferem sentido e que as adaptam para as suas práticas sociais”. É nesta idealização de espaço social que Marcuschi (2005, p. 22) estabelece a ideia de comunidade virtual, a qual o autor constitui como: “[...] uma coleção de membros com relacionamentos interpessoais de confiança e reciprocidade, partilha de valores e práticas sociais com produção, distribuição e uso de bens coletivos num sistema de relações duradouras”.

É a partir destes espaços que a internet abriga os gêneros emergentes, os quais Paiva (2008) reconhece serem dinâmicos, efervescentes e relevantes neste cenário de pós-modernidade. Desta forma, observamos a realidade virtual em processo de ascensão e transmutação deixando de ser unicamente um *corpus* físico. Os sujeitos que passam a interagir no espaço virtual começam a ter contato com linguagens multi e plurissignificativas, isto é, a interação no ambiente digital é multimodal. Para tanto, observemos a seguir,

[...] graças à interface gráfica, a multimodalidade refere-se às formas de linguagem que podem coexistir (por exemplo: imagem e texto). Assim, é comum para muitos usuários, enquanto conversam no Skype [sistema de chamadas semelhantes ao telefone com a opção do uso de vídeo], também digitar links para seus interlocutores, que aparecem em outra janela. Essa é uma conversação mantida em vários modos (RECUERO, 2014, p. 61).

A “clipagem<sup>5</sup>” entre linguagens diversas é o que torna a internet uma propagadora massiva de informações e que faz uso de imagem, texto, áudio e etc., pois, como Recuero (2014) estabeleceu acima, a interface gráfica dos computadores possibilita esta interação com semioses variadas, é o que tem sido chamado de multisseiose ou multimodalidade. Textos com tais elementos exigem dos interactantes os nomeados multiletramentos, é por intermédio desta projeção que se estabelece que “[multimodais são os] textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas para fazer significar” (ROJO, 2012, p. 19).

Mesmo a internet como ambiente multimodal, a mesma direciona os gêneros digitais para uma interface com os gêneros tradicionais, pois os novos gêneros não são inovações absolutas, como afirma Marcuschi (2010): é necessário observar que como já fora apontado por Bakhtin que falava em transmutação dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro. Desta forma, entendemos que a tecnologia possibilita que novos gêneros surjam, todavia, não sendo estes estritamente novos. Vejamos alguns exemplos.

---

<sup>5</sup> Seleção de notícias em meios de comunicação diversos para resultar em um conjunto de recortes sobre assuntos diversificados.

**Quadro 5:** Gêneros textuais emergentes na mídia virtual e suas contrapartes em gêneros preexistentes

Nº	Gêneros emergentes	Gêneros já existentes
1	<i>E-mail</i>	Carta pessoal // bilhete // correio
2	<i>Chat em aberto</i>	Conversações ( <b>em grupos abertos?</b> )
3	<i>Chat reservado</i>	Conversações duais ( <b>casuais</b> )
4	<i>Chat ICQ (agendado)</i>	Encontros pessoais ( <b>agendados</b> )
5	<i>Chat em salas privadas</i>	Conversações ( <b>fechadas?</b> )
6	<i>Entrevista com convidado</i>	Entrevista com pessoa convidada
7	<i>E-mail educacional (aula por e-mail)</i>	Aulas correspondência
8	<i>Aula Chat (aulas virtuais)</i>	Aulas presenciais
9	<i>Vídeo-conferência (sic) interativa</i>	Reunião de grupo / conferência / debate
10	<i>Lista de Discussão</i>	Circulares / séries de circulares (???)
11	<i>Endereço eletrônico</i>	Endereço postal
12	<i>Blog</i>	Diário pessoal, anotações, agendas

**Fonte:** Marcuschi, 2005, p. 31.

Observamos, pois, que apesar de haver uma publicização dos gêneros em suportes diferentes, os mesmos apresentam elementos em comum, isto corrobora para o fato de constatação de que um gênero surge a partir de outro já em circulação. Desta forma, o ambiente digital altera, transmuta e adéqua os gêneros já existentes que, condicionado às particularidades do espaço virtual, possibilitam o surgimento dos gêneros digitais. Como estabelece Paiva (2018), estes gêneros estão em aperfeiçoamento constante, pois há de se considerar que a língua é dinâmica e que os gêneros são atuações sociais.

Compreendendo o espaço digital e seu valor de efemeridade, assim como a linguagem, podemos encontrar outros gêneros com características de gênero emergente. Paiva (2018, p. 50) estabelece que “dentre estes estão gêneros multimodais e multissemióticos como hipercontos, charges virtuais, mensagens/emocions, gif, tweet e os memes”. Podemos entender que a tecnologia possibilita a criação de novas “mensagens” que são possíveis pela união de textos de linguagens diversas, a partir disto, multimodais. Diante deste universo digital, elegemos para esta pesquisa, e para a construção de *corpus*, o gênero digital meme de internet.

### 3.3 O ALVO SÃO OS MEMES DA INTERNET! TÁ, MEU BEM?

Os memes são disseminadores culturais e constructos<sup>6</sup> que propagam conhecimentos diversificados. Vejamos:

O conceito de meme foi introduzido na literatura por Richard Dawkins, em sua obra “O Gene Egoísta”, em 1976. Dawkins compara a evolução cultural com a evolução genética, onde o meme é o “gene da cultura”, que se perpetua através de seus replicadores, as pessoas. O meme é uma unidade de transmissão cultural e de difusão da informação (BARRETO, 2015, p. 28).

Conforme Dawkins (1979), os memes podem ser músicas, ideias, modas do vestuário e, assim como biologicamente o gene transfere características hereditárias para cada indivíduo, os memes são os propagadores de cultura, isto é, genes culturais. O nome, pois, provém de uma raiz grega *mimese* e também origem inglesa como *mimeme* tendo relação direta com *imitação*. Dawkins criou a nomenclatura meme em analogia à teoria darwiniana. Paiva (2018, p. 52) estabelece que “o ‘meme’ é a representação de uma evolução cultural que transforma e reorganiza as sociedades, pois funciona como um gene numa memória individual podendo ser copiada, ampliada e disseminada”.

Os memes, na contemporaneidade, passam a se propagar na internet e, principalmente, nas redes sociais. Os memes da internet nos alcançam, enquanto sujeitos sóciovirtuais, porque nosso cognitivo estabelece relações diversas que nos faz de ferramentas replicantes destes “genes” culturais. Afinal,

Comunicar-se por meio de aplicativos de bate-papo em smartphones tornou-se recorrente entre jovens e adultos do século XXI. Seja enviando um texto, emoticon, emoji ou áudio; compartilhando vídeos, textos e imagens, é presumível que alguém já tenha recebido ou enviado algum meme, provavelmente sem saber o que é (ESCALANTE, 2016, p. 52).

Assim, segundo Carvalho & Kramer (2013), os memes são acontecimentos populares, nas redes sociais durante as comunicações. Eles são, entretanto, de caráter volátil, isto é, efêmero. Os memes são comunicações que têm um estilo “modista”, pois estão relacionados a contextos socioculturais. Assim, estabelecemos que o meme se desenvolve a partir de ocorrências que possuem teor de evidência social. Os memes da internet são produtos da relação social dentro das redes virtuais, onde são criados, replicados e transformados. Os

---

<sup>6</sup> Objeto de percepção ou pensamento formado pela combinação de impressões passadas e presentes.

memes são, segundo Barreto (2015), representantes de ideias, pensamentos e simbolizam uma sintetização dentro dos meios virtuais.

Os memes, dentro do contexto digital, propagam de forma instantânea outros contextos culturais e comportamentais. Sobre este fenômeno, Paiva (2018) estabelece que, a interatividade com os memes é de valor ideológico, tendo em vista que as ideias e intenções presentes têm sentido para os sujeitos da ação.

Pauta-se, pois, que os memes são constructos interpessoais, instrumentos de ação grupal de caráter social. Corroborando com Paiva (2018, p. 53), estabelecemos que “[...] o meme é um gênero digital tendo em vista ser um gênero que circula há poucos anos no ambiente virtual”. Isto porque partimos de um estudo analógico entre outros gêneros que também possuem o contexto digital como suporte e, a partir disto, a autora salienta que “[...] os memes circulam em formatos variados: vídeos, textos, imagens, links e viralizam em blogs e redes sociais” (p. 53). Importante nos atermos a Barreto (2015, p. 75):

Uma das características dos memes de Internet é seu conteúdo multimodal, podendo ser replicado através de textos, imagens, vídeos e links nos mais diversos ambientes, como e-mails, weblogs, fóruns de discussão, redes sociais e outros websites. Então, os memes de internet surgem através das imagens, mas também de frases nos comentários, hashtags (palavras-chave indexadas a uma informação, imagem, discussão, etc., tais como #paris, após a postagem de uma foto da cidade francesa, ou #gratidão, após um relato de algo digno deste sentimento, podendo, inclusive, ser utilizado de forma irônica), dentre uma diversidade de outros meios.

Ressaltamos, pois, que nosso estudo – meme – será formado por um *corpus* multimodal, considerando palavra e imagem, desta maneira, constituindo uma linguagem híbrida – verbal e não verbal. Ao considerarmos os elementos composicionais de um gênero, de acordo com Bakhtin (2003), observaremos em nosso *corpus* a caracterização a seguir:

- [ *Conteúdo temático*: teor piadistas com comportamento humano;
- [ *Estilo*: textos em aforismos e de compreensão rápida, com estilo informal e coloquial;
- [ *Estrutura composicional*: comporta linguagem verbal – signo gírio – e linguagem não verbal – imagens;

Em relação à composição estrutural, pautamos a presença de uma linguagem de valor híbrido, tendo em vista a ambivalência entre imagens e textos escritos, inclusive é válido ressaltar a possibilidade de haver marcas de uma escrita “oralizada”, que para Recuero (2014), embora o sistema linguístico em relação à escrita e fala estabeleça uma separação, é

característica do espaço digital fazer uso desta escrita falada. Para tanto, a autora esclarece que a

[...] linguagem precisou ser adaptada. Em outras palavras, ela precisou incorporar formas de indicar elementos que são essenciais para a “tradução” da língua escrita em língua falada, como elementos que dão dimensão prosódica da fala e elementos não verbais, como gestos e expressões (RECUERO, 2014, p. 46).

Em relação a essa adaptação da linguagem, Carvalho & Kramer (2013, p. 80) postulam que “[...] não usa uma linguagem cifrada, mas diferente, de acordo com o meio novo, recém-criado”. Ressaltam, as autoras, que o meio de comunicação em tela deve ser visto como um veículo de comunicação que suscitou sua linguagem própria, assim “[...] as pessoas criam o conhecimento juntas, transformando-o” (CARVALHO & KRAMER, 2013, p. 81).

Além desta presença textual escrita, há o elemento imagético, isto é, a imagem. Essas chamam a atenção dos interactantes, sendo um elemento potencializador dos memes. A temática, que possui um teor cômico e tem seus valores direcionados ao contexto sociocultural, apresenta textos em aforismo que são, de acordo com Bechara (2011), sentenças breves, a partir disto, consideramos ser também um fator que direciona a compreensão rápida, instantânea.

O estilo do gênero está vinculado à temática e conteúdo (KOCH & ELIAS, 2015), logo é indissociável de alguns elementos composicionais e temáticos, assim, o estilo é de caráter informal que pode fazer uso de linguagem não padrão e que prima pelo humor, pois é de paradigma cômico e que busca conceber o riso, assim como também pode possuir um teor crítico. Então concebemos que “[...] os gêneros podem ser considerados ferramentas, na medida em que um sujeito – o enunciador – age discursivamente numa situação definida – a ação – por uma série de parâmetros, com a ajuda de um instrumento semiótico – o gênero” (KOCH & ELIAS, 2015, p. 61).

Na seção a respeito do gênero virtual, estabelecemos que os gêneros digitais possuem paralelos a gêneros já existentes. Podemos buscar estabelecer gêneros que preexistem ao meme, isto considerando sua estrutura geral. Portanto, podemos associá-lo às histórias em quadrinhos – charges, tirinhas, cartoons, etc. – que são gêneros que prezam pela linguagem híbrida, têm estilo informal com temática cotidiana e diversificada. Propomos, a partir de Marcuschi (2008), o domínio discursivo lazer para os memes da internet, vejamos a seguir:

**Quadro 6:** Proposta para o gênero em domínio discursivo e modalidades

Domínio discursivo	Modalidade de uso escrita	Modalidade de uso oral
Lazer	Piadas; jogos, adivinhas, histórias em quadrinhos; palavras cruzadas; horóscopos; <i>[memes da internet]</i>	Fofocas; piadas; adivinhas; jogos teatrais; <i>[conversações espontâneas]</i>

**Fonte:** Marcuschi, 2008, p. 196, com acréscimo e grifos do autor deste trabalho.

Observemos que os memes encontram-se dentro do domínio escrito discursivo **lazer**, pois, é pelo domínio que, de acordo com Marcuschi (2008), podemos identificar as práticas discursivas em um conjunto de gêneros. Para tanto, o autor determina que

[...] os domínios discursivos produzem modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmitem de geração para geração com propósitos e efeitos definidos e claros. Além disso, acarretam formas de ação, reflexão e avaliação social que determinam formatos textuais que em última instância desembocam na estabilização de gêneros textuais. E eles também organizam as relações de poder.

Consideramos sua linguagem híbrida, especificamente escrita, neste momento. Inclusive une-se ao conjunto que também enquadra as HQ e está associada à modalidade oral que abarca piadas e brincadeiras. De acordo com Marcuschi (2008), não se é possível sempre estabelecer uma cadeia idêntica para todos os gêneros existentes, mas tem sua utilidade, pois proporciona pensar o papel de cada aspecto e componente relacionado ao gênero.

Vale ressaltar que é possível haver a presença de memes, isto é, da linguagem verbal, em conversações espontâneas, ou seja, uma adaptação, uma transposição da escrita para a fala e vice-versa. Inclusive, algo que pode suscitar pesquisas futuras. Por fim, observamos que o público alvo dos memes da internet são todos e quaisquer interactantes que possuam acesso à internet e, conseqüentemente, às redes sociais que ela oferta e disponibiliza.

Considerando a composição, conteúdo e estilo do gênero proposto nesta seção, iremos nos concentrar nos critérios de intertextualidade, humor e crítica/ironia. Elementos que possuem relação direta com os sentidos possíveis diante do gênero digital.

### 3.3.1 De texto em texto, o intertexto

O ditado sobre que “nada se cria tudo se copia” passa a ter seu valor de veracidade nesta seção, pois passamos a considerar que as construções textuais em sua diversidade estão baseadas em outros constructos preexistentes, pois os textos são produzidos em remissão a outros. Considerando que os textos agem na esfera social a partir de outros, passamos a

considerar também que parte da composição de um gênero dá-se por um processo de um texto em outro. Desta forma, iremos nos ater aos conceitos e discussões acerca da intertextualidade.

É a partir deste termo que consideramos que “[...] todo texto faz remissão a outro(s) efetivamente já produzido(s) e que faz(em) parte da **memória social dos leitores**” (KOCH & ELIAS, 2015, p. 101, grifos nossos). É necessário, pois, compreender a intertextualidade como um elemento da textualidade que é muitíssimo frequente na produção de quaisquer gêneros, isto porque nossas experiências diversas com textos variados possibilitam que os usemos na elaboração de outros textos. A fim de prosseguir, compreendamos que

Este critério subsume (sic) as relações entre um dado texto e os outros textos relevantes encontrados em **experiências anteriores**, com ou sem mediação. Há hoje um consenso quanto ao fato de se admitir que todos os textos comungam com outros textos, ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário (MARCUSCHI, 2008, p. 129, grifo nosso).

A noção de intertextualidade adentrou, inicialmente, nos campos dos estudos do texto literário, mas depois se estendeu para a análise do texto em sua generalidade. É necessário compreender que há uma diferença entre ser intertexto e haver intertextualidade. De acordo com Marcuschi (2008), o primeiro diz respeito aos recortes discursivos que ocorrem em outros textos, já o segundo é o parâmetro que busca pautar as maneiras como estes recortes são usados. A identificação de intertextos baseia-se nos conhecimentos de mundo que o leitor possui em sua memória, estes conhecimentos, como dito nos preceitos que inicialmente norteiam este capítulo, estão centrados nas experiências que o leitor tem de e com o mundo e, de acordo com Koch & Elias (2006), é uma estratégia fundamental para a processo de interpretação e construção de sentidos.

Segundo Martins & Santos (2017), a intertextualidade caracteriza-se como explícita ou implícita. Em primeira instância iremos rever a classificação **implícita** a qual ocorre sem citar a fonte que está sendo utilizada. Observe a seguir:

**Figura 1:** Exemplo de implícito



**Fonte:** <<https://pbs.twimg.com/media/DAI3MgaW0AEVJ84.jpg>>. Acesso em: 30 de jul. 2018.

O meme apresenta como elemento imagético uma artista gay e *drag queen* brasileira – Pablio Vittar – o meme possui uma imagem retirada do clipe da música *Sou todo dia*<sup>7</sup>, no qual a cantora tem a participação de Rico Dalasam, outro artista LGBT. Na letra da canção, a cantora profere a seguinte oração: RESSUSCITA! Isto de maneira enfática a fim de retomar o refrão da música. Em 2016, ano em que o vice-presidente Michel Temer assume o cargo da então presidenta Dilma Rousseff, o mesmo passa frequentemente a ser malvisto por muitos eleitores, o que começa a proporcionar o pedido de renúncia do dito cujo.

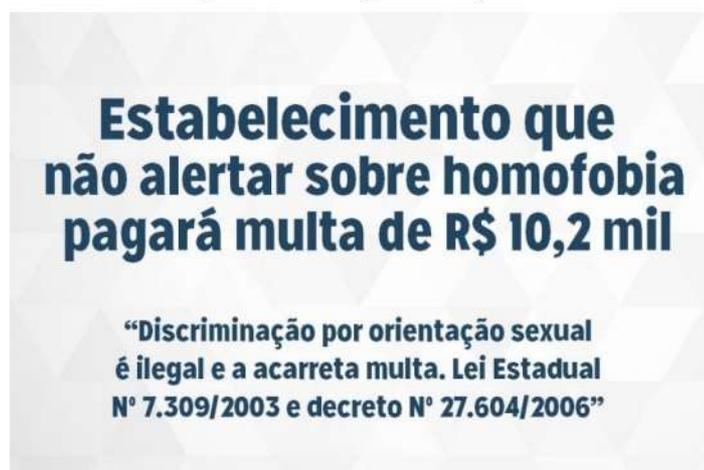
Só é possível estabelecer uma associação entre estes acontecimentos por estarmos imersos no mesmo contexto social, assim podemos compreender que o texto “RENUNCIAAAAAAAAA” presente no meme faz uma alusão ao verso da canção que emprega “RESSUSCITAAAAAAAA” como também atribuímos que o pedido de renúncia seja para o então presidente Michel Temer. Desta forma, há uma intertextualidade implícita. Para tanto, Koch & Elias (2015), estabelecem que aqueles que produzem os textos e não indicam suas fontes o fazem por considerar que o texto de origem faça parte do repertório do leitor.

O ato de reconhecer elementos implícitos, de acordo com Koch & Elias (2006), estabelece-se a partir do receptor numa busca em suas recordações para a identificação do intertexto e dos desígnios do emissor do texto ao inseri-lo em seu discurso, pois “[...] sempre recorreremos, de forma consciente ou não, a outros textos, dependendo dos conhecimentos de textos armazenados na nossa memória e ativados na ocasião da produção do texto” (KOCH & ELIAS, 2015, p. 114.). Assim, emissor e receptor possuem um vínculo significativo.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=63VaFHu5g8Q>>. Acesso em: 31 mai. 2018.

Neste segundo plano, iremos tratar da intertextualidade **explícita** a qual é polo oposto ao tipo que acabamos de explicar, pois neste tipo de intertextualidade há uma citação direta do texto-fonte. Acompanhe a imagem abaixo:

**Figura 2:** Exemplo de explícito



**Fonte:** <<http://www.sindifarmajp.com.br/estabelecimento-que-nao-alertar-sobre-homofobia-pagara-multa-de-r-102-mil/>>. Acesso em: 05 de nov. 2018.

Na imagem, observamos que, o recurso das aspas auxilia na identificação do discurso alheio. O texto foi produzido por site da internet, isto com a finalidade de informar sobre a multa que deve ser aplicada mediante ao não cumprimento da Lei Estadual<sup>8</sup> Nº 7.309/2003 e decreto Nº 27.604/2006. De acordo com Koch & Elias (2015), o uso explícito ocorre ou pelo fato de o produtor considerar que o leitor talvez não conheça o texto ou circunstância original, ou pelo fato de querer ressaltar tanto o que foi dito quanto quem o disse. Considerando o que refletimos a respeito da intertextualidade podemos compreender o que Marcuschi (2008, p. 132) estabelece:

O que se pode dizer é que a intertextualidade, mais do que um simples critério de textualidade, é também um princípio constitutivo que trata o texto como uma comunhão de discursos e não como algo isolado. E esse fato é relevante porque dá margem a que se façam interconexões dos mais variados tipos para a própria interpretação [...].

A partir disto, o uso deste elemento não é apenas um mosaico discursivo, mas sim uma construção plural em relação a conhecimentos diversos que podemos colocar em situação de

<sup>8</sup> No caso de reincidência, a lei, de autoria do deputado paraibano Anísio Maia, com aprovação na Assembleia Legislativa e admitida pelo governador Ricardo Coutinho, aponta multa em dobro. Também determina que o dinheiro arrecadado seja distribuído entre entidades de defesa ao orgulho da comunidade ALGBTQI+.

ação. Assim, antigos textos passam a tomar novos sentidos, ou seja, há uma ressignificação tanto em seus usos quanto em seus sentidos e os textos não são meros constructos temporários, isto é, unidades voláteis, podem também ser recuperados pela necessidade e interesse comunicativo.

### 3.3.2 Não faz a palhaça: um viés humorístico para o gênero

Algo que devemos frisar, inicialmente, é que o humor é uma reação e emoção subjetiva. Enquanto sujeitos sociais, o humor se faz para nós a partir de contextos, às vezes, mais específicos. Na área médica, antes da era cristã, Hipócrates atribuía aos fluídos do corpo o termo humores, pois o mesmo considerava que os humores constituíam a principal causa em relação às doenças. Assim, Santos (2012, p. 20) acrescenta que “ao lado da melancolia, os fluídos poderiam causar a loucura, que leva ao riso de demência”. Todavia, advinda a era isabelina, o termo passa a possuir um novo significado: disposição de ânimo. Isto graças ao teatro inglês, a partir de Willian Shakespeare.

Com o passar das décadas, o riso passa a se estabelecer como uma atividade cognitiva, como postula Santos (2012), passa a ser considerada uma atividade intelectual, assim estaria ligada ao cérebro, conseguinte a isto estabelecendo que “os textos renascentistas ressaltam o fato de o riso ser gerado também a partir de acontecimentos prazerosos e inesperados” (SANTOS, 2012, p. 22).

O riso passa a ter um significado e relação social, pois, de acordo com Santos (2012), o riso acontece e se faz a partir das ações que o homem pratica socialmente, pois não se crê que o riso esteja ou seja fora do sujeito social. Então, segundo Martins & Santos (2017), só se é possível haver riso e comicidade no que possua ligação direta com o homem. O que nos faz rir está ligado diretamente ao ser humano ou pode aparentar ser e/ou estar ligado ao mesmo. Portanto, “para ser compreendido e levar ao riso, o humor precisa tratar de atitudes humanas que tenham ligação com uma sociedade, com uma cultura, com um determinado grupo social e com um tempo histórico definido” (SANTOS, 2012, p. 35).

Da mesma forma que Koch & Elias (2006) estabelecem uma tríade – autor-texto-leitor – para uma leitura interativa, o humor ocorre por intermédio também de uma interação, isto é, uma tríade cômica: “[...] o Outro (lugar do código), o falante e o ouvinte, que caracterizam a ordem simbólica. São necessários, portanto, três elementos para instaurar o cômico na linguagem” (SODRÉ, 1974 *apud* SANTOS, 2012, p. 30). Assim, podemos postular falante-

outro-ouvinte, e o “Outro” age como o espaço de acontecimentos do código, isto é, da linguagem. Nesse espaço de agir, vejamos que

[...] ler um texto, verificar em que pontos uma claqué poderia ser acionada, e explicitar qual seria a causa, seja linguística, seja situacional, que provoca o **riso**. A expectativa é que certos fenômenos se repitam, permitindo formular alguma tipologia, justificar uma teoria. Ou testar hipóteses correntes - quebra de expectativa, surpresa, ambiguidade, ocorrência de tipos e de situações baixas, textos incoerentes etc (POSSENTI, 2010, p. 121, grifo nosso).

Passaremos a associar o riso à comunidade LGBT, inicialmente, acreditando que o riso diante da comunidade seja algo esperado pelos sujeitos héteros, pois há um estereótipo de que todo sujeito homossexual é engraçado. A identidade social passa a ser elo do estereótipo que culturalmente se construiu, de acordo com Possenti (2010), mais proeminente do que associar o caráter humorístico à identidade é considerar que esta identidade está sempre direcionada a um estereótipo. Assim sendo,

A prática do riso, aplicada aos integrantes do grupo da diversidade sexual, aparece associada à alegria e à irreverência. Um vocábulo que sintetiza essa associação entre homossexualidade e riso é *gay* – palavra de origem inglesa que tanto pode ser traduzida como “alegre” quanto por “homossexual” [...] (ALONSO, 2010, p. 169, grifos do autor).

Assim, podemos pautar a associação que se faz entre o riso e a comunidade LGBT, de acordo com Alonso (2010), o riso da diversidade sexual é aquele que é extravagante e em excesso, porque desacata o sério. O autor também estabelece que o riso que acompanha essa diversidade sexual é multissignificativo, pois “[...] tanto pode significar cumplicidade, ingenuidade e igualdade quanto pode apontar desagregação, malícia e superioridade” (ALONSO, 2010, p. 36).

É possível estabelecer que o cômico está no caráter criptológico da gíria, pois de acordo com Alonso (2010), o risível encontra-se desde a decisão cognitiva do falante em optar por usos linguísticos que fogem do convencional, pois há opção por uma colocação “não séria”. Desta forma, o riso dá-se pela expressividade que os vocábulos gírios produzem.

Por fim, não menos importante, ressaltamos que ao estabelecermos que os memes compõem textos em estilo de aforismos, isto é, sentenças breves, podemos considerar, de acordo com Possenti (2010), que este elemento é **uma fórmula para o humor**, ou seja, as sentenças breves são instrumentos para incitar o riso e a graça. A partir do conceito do dicionário *Houaiss*, o autor estabelece serem textos curtos e sucintos, estas sentenças proveem de um **estilo fragmentário e assistemático**.

### 3.3.3 Manas, as monas também criticam e ironizam

O valor de criticidade presente em um gênero resulta em como ele busca criticar a sociedade e seus valores políticos, econômicos e etc. De acordo com o *Dicionário Aurélio Júnior* (2005), o termo crítico condiz com a habilidade de julgar as produções humanas, sejam elas científicas ou artísticas, o que resulta em uma apreciação positiva ou negativa. A partir disto, também consideramos o conceito posto por Bechara (2011, p. 467): “Avaliação (positiva ou negativa) que se faz sobre algo ou alguém.” Nesta idealização de avaliação, os sujeitos derivam novos sentidos a fim de ironizar situações e sujeitos e, assim, criticam a sociedade e seus valores.

Uma crítica possível é através da ironia. De acordo com Martins & Santos (2017), o termo possui relação com a antiguidade clássica da retórica, temos uma figura de pensamento, a qual exprime ideias por um viés contraditório, age, desta maneira, como antífrase, a qual consiste em revelar, através do discurso, algo diferente do que disse, isto por meio da ironia, por exemplo. Por essa premissa de modificação no sentido, percebemos que há possibilidade de dar-se um sentido novo ao assunto de uma comunicação, o que possibilita uma ruptura no sentido comum, assim, atribuindo um novo sentido à comunicação.

Pautamos o valor de criticidade como resultado dos julgamentos que os sujeitos sociais fazem do mundo juntamente com o que o constrói, isto é, todo e qualquer movimento passível de crítica. Assim, podemos tomar o meme também como uma prática discursiva que pode denunciar e criticar as atitudes fundamentadas em fatos sociais diversos. A charge é um dos gêneros mais socialmente críticos, traz consigo a crítica como parte de seu estilo, pois “[...] o texto chargístico é fundamentalmente crítico; e para que critiquemos a realidade utilizamos a charge como ferramenta para tal” (MARTINS & SANTOS, 2017, p. 54).

Como dito neste capítulo, mais especificamente, na seção acerca dos memes, estabelecemos que há uma relação entre os memes e o universo das HQ – charges, tirinhas, cartoons, entre outros – porque há uma relação tênue em seu aspecto estrutural, é possível também haver uma relação com seu estilo crítico. Com a finalidade de explicitar melhor o caráter crítico, observemos o exemplo a seguir:

**Figura 3:** Exemplo de criticidade



**Fonte:** <<https://biomednamoral.files.wordpress.com/2015/04/iv-marcha-nacional-contra-a-homofobia.gif>>. Acesso em: 30 de jul. 2018.

Observamos na charge, unicamente, o uso de uma linguagem não verbal. A mesma apresenta dois indivíduos, ambos em frente ao palácio do planalto – Brasília/DF – o da esquerda em uma representação à comunidade LGBT, apontamos isto pelo fato de o mesmo estar vestindo uma blusa em cores do arco-íris, algo simbólico da comunidade LGBT, pois representa a diversidade, como também tem em uma mão um símbolo que anula o binarismo sexual e na outra a Constituição. O sujeito à direita está em vestes sociais, vestimenta típica para as câmaras dos senadores e deputados, sejam religiosos ou não, por sua vez, tem em mãos um crucifixo e também utiliza a Bíblia como objeto de defesa, ou seja, uma representação religiosa e inteiramente tradicional e patriarcal.

A legislação brasileira concebe o Estado de direito brasileiro como laico, isto é, embasamentos religiosos não devem nem podem condicionar ou direcionar os direitos sociais e suas leis de base. Assim, há uma crítica social a como é governado, a como são direcionadas as leis e os direitos civis brasileiros, pois é sabido que os parlamentares constituem nas câmaras públicas as chamadas “bancadas evangélicas” e os políticos que constituem estas bancadas assumem veementemente sua “defesa” em relação à família tradicional brasileira.

Ou seja, primam e defendem a exclusão das famílias que fujam aos padrões héteronormativos, fora os demais “nãos” em relação aos direitos LGBT e demais minorias que não consagram o padrão de uma sociedade falocêntrica. Desta forma, temos uma crítica social, que pode ser concebida quanto interpretação e se todo fato é elemento de interpretação, a crítica social é uma possibilidade de leitura na interpretação da realidade.

Como será que os sujeitos produzem/constroem sentidos quando estão diante de memes da internet? Será que compreendem a construção de todos os memes que veem nas redes sociais? Quais as leituras e sentidos que os memes podem acionar? Estas indagações direcionarão nossas discussões no capítulo a seguir.

## 4 A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO A PARTIR DA LINGUAGEM LGBT

“[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra.”  
- Paulo Freire (1989)

No presente capítulo enveredamos pela leitura, pois consideramos este preceito teórico essencial para que o leitor/internauta direcione sentido ao que lê no espaço virtual. Como consideramos anteriormente, o espaço virtual abarca uma interface multimodal e o gênero qual constitui nosso *corpus* é de valor híbrido. Assim, é importante compreender como são acionados os sentidos diante do gênero aqui proposto. Para tanto, iremos nos embasar em Koch & Elias (2006; 2015), Kleiman (2016), Marcuschi (2008), Xavier (2010), entre outros.

### 4.1 LEITURA VAI, SENTIDO VEM: PRECEITOS TEÓRICOS PARA UMA LEITURA MÚLTIPLA DE SENTIDOS

Nossas atividades cotidianas são intermediadas por nossas atitudes enquanto falantes/escritores e ouvintes/leitores, ao considerarmos a premissa dialógica da linguagem, interagimos, pois, por intermédio da língua e esta possui um código que nos revela significados, que conseqüentemente nos aciona conhecimentos prévios diversos, sejam eles do mundo ou do texto. Estas revelações imbricam-se por intermédio de nossas leituras. Para tanto, podemos indagar o seguinte: “[...] **O que é ler? Para que ler? Como ler?** Evidentemente, as perguntas poderão ser respondidas de diferentes modos, os quais revelarão uma concepção de leitura decorrente da concepção de **sujeito**, de **língua**, de **texto** e de **sentido** que se adote” (KOCH & ELIAS 2006, p. 09, grifos das autoras):

Ao tratarmos da concepção de leitura com **foco no autor**, devemos conceber inicialmente a definição da língua e da linguagem que são os elementos que norteiam as atividades que se propõe cotidianamente, inclusive o ato de ler. A língua, nesta concepção, é tida como um algoritmo do pensamento, considera o sujeito em sua individualidade e que o mesmo é dono de seus desejos e vontades. Desta forma, pautamos que esta concepção postula uma visão egocêntrica do sujeito escritor. A partir disto, considera-se o texto como um produto de um sujeito que fornece as informações necessárias para se entender um texto, isto é, cabe ao leitor apreender as intenções do autor, assim, o leitor encontra-se numa posição de passividade em relação ao produtor textual, bem como a seus ideais. Portanto, este foco tem a leitura como:

[...] atividade de captação das idéias (sic) do autor, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos constituídos sociocognitivo-interacionalmente. O foco de atenção é, pois, o autor e suas intenções, e o sentido está centrado no autor, bastando tão-somente ao leitor captar essas intenções (KOCH & ELIAS, 2006, p. 10).

Com a atenção voltada, agora, para **o texto**, temos um outro foco. A concepção de língua passa a ser aquela que centraliza o sistema linguístico, ou seja, a língua enquanto código que deve ser decodificado. O leitor é visto com valor de “assujeitamento”, a partir disto postula a língua como uma simples ferramenta da comunicação. Podemos estabelecer que os sujeitos estão passivos ao sistema (pré)estabelecido, vale ressaltar que este assujeitamento não só é de valor linguístico, mas também social. O texto é visto como um “texto pelo texto”. Desta forma, o constructo textual é uma codificação realizada por um emissor, a qual cabe ao leitor única e somente uma ação decodificadora. Basta ao leitor o conhecimento do código linguístico. Para tanto, Koch & Elias (2006, p. 10, grifos das autoras) asseveram que

[...] **a leitura** é uma atividade que exige do leitor o foco no texto, em sua linearidade, uma vez que “tudo está dito no dito”. Se, na concepção anterior, ao leitor cabia o reconhecimento das intenções do autor, nesta concepção, cabe-lhe o reconhecimento do sentido das palavras e estruturas do texto.

Ao considerarmos o posicionamento destas duas concepções já mencionadas, sintetizamos que a primeira atribui ao leitor um valor de reproduzidor e a segunda o consagra como um reconhecedor. Estas concepções não podem ser tidas como ruins ou como não válidas, pois elas direcionam e acarretam conhecimentos que são inicialmente necessários, porém sozinhos são pouco produtivos. Passaremos a considerar os sujeitos não só como leitores do código ou “psicólogos” do autor, passemos a tomar o leitor como agente e reagente do processo de leitura.

O foco que passamos a estabelecer é uma tríade: **foco no autor-texto-leitor**, esta tríade é de valor interacionista, pois passa a posicionar um segmento que considera tanto as concepções anteriores, como avança retirando o leitor de seu papel passivo. A língua, nesta perspectiva, é de viés dialógico, algo que frisamos nos capítulos anteriores deste trabalho. Os sujeitos sociais passam a ser agentes que edificam e se edificam diante do texto, e são valorizados o local da interatividade e da construção dos interlocutores. Consoante Koch & Elias (2006, p. 11, grifos das autoras), podemos estabelecer que

Nessa perspectiva, **o sentido** de um texto é construído na interação **texto-sujeitos** e não algo que preexista a essa interação. **A leitura** é, pois, uma

**atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos**, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas reque a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Desta forma, a mobilização de saberes ocorrerá mediante a leitura de um texto que nos é interessante enquanto leitores, inicialmente lemos para nos mantermos informados, porém a leitura também ocorre pelo bel-prazer, como afirmam Koch & Elias (2006), a leitura do puro prazer e deleite. Os memes da internet, como já dito no capítulo anterior, são gêneros de domínio de lazer, desta maneira, a leitura deles encontra-se na leitura de desfrute e passatempo.

A partir do ato de seleção do texto, o ato de ler será posto à prova no momento em que o leitor busca dar sentido ao texto que se dispõe a ler. A respeito do sentido, devemos estabelecer que “É por essa razão que falamos de **um** sentido para o texto, não **do** sentido, e justificamos essa posição, visto que, na atividade de leitura, ativamos: lugar social, vivências, relações com o outro, valores da comunidade, conhecimento textuais [...]” (KOCK & ELIAS, 2006, p. 19, grifos das autoras).

Como bem estabelecido pelas autoras, a leitura irá abarcar nossos conhecimentos acerca da língua e do mundo, portanto, a leitura e a construção de sentidos se darão por nossa “bagagem” cognitiva. É considerável que, ao produzir um texto, o autor pré-estabelece um receptor, isto é, um leitor fictício. Neste caso, a veiculação de textos no suporte midiático (internet) considera o leitor um internauta, não necessariamente LGBT, e que desfruta de redes sociais e sites de busca.

A leitura no espaço digital é de caráter plural, pois os elementos constituintes do espaço virtual são de caráter multimodal. As leituras de textos digitais validam-se de nossas memórias e aprendizados variados, pois a internet abarca constructos que se tornam atemporais, isto é, não existe algo velho ou novo no mundo real que não possa alcançar um *status* de novidade no espaço digital.

A comunicação mediada pelo computador, como afirma Recuero (2014), não diz respeito apenas aos subsídios técnicos das ferramentas e nem somente à linguagem escrita, pois há na internet uma pluralidade de aspectos como sociais e culturais que precisam e devem ser levados em consideração. Assim, a partir de Koch & Elias (2006, p. 35), consideramos que “[...] no processo de leitura, o leitor aplica ao texto um modelo cognitivo, ou esquema, baseado em conhecimentos armazenados na memória. O esquema inicial pode, no decorrer da leitura, se confirmar e se fazer mais preciso, ou pode, no decorrer da leitura se alterar rapidamente”.

A internet, por ser um espaço de semioses diversas e que vem acompanhada de variados discursos - entendamos discurso neste contexto como algo que um texto produz ao se manifestar em alguma situação - necessita que o leitor vá além da concepção de leitura do código ou de ideias de outrem, ele deve fazer-se presente no processo de produção de sentidos. Pois, como afirma Kleiman (2016, p. 15):

É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo.

Portanto, é neste pressuposto de interação que compreendemos a leitura como um acionamento de estratégias que viabilizam conceber sentido ou sentidos a um texto, pois o leitor/internauta passa a potencializar suas memórias a fim de que seus conhecimentos prévios o caminhem para uma leitura múltipla.

#### 4.2 CONCEBENDO SENTIDOS: ACIONANDO CONHECIMENTOS PRÉVIOS

Os conhecimentos prévios do leitor são ferramentas essenciais no processo de produção de sentido(s), sem estes não haverá uma compreensão do texto. O que Kleiman (2016) aponta como conhecimentos prévios, Koch & Elias (2006) apresentam como estratégias de leitura, vejamos abaixo:

Na atividade de leitura e produção de sentido, colocamos em ação estratégias sócio-cognitivas. Essas estratégias por meio das quais se realiza o processamento textual mobilizam vários tipos de conhecimento que temos armazenados na memória, [...].

Dizer que o processamento textual é estratégico significa que os leitores, diante de um texto, realizam simultaneamente vários passos interpretativos finalisticamente orientados, efetivos, eficientes, flexíveis e extremamente rápidos.

Para termos idéia (sic) de como ocorre o processamento textual, basta pensar que, na leitura de um texto, fazemos pequenos cortes que funcionam como entradas a partir dos quais elaboramos hipóteses de interpretação (KOCH & ELIAS, 2006, p. 39).

O **conhecimento linguístico** que é aquele conhecimento que não está explícito, por ser não verbal o qual possibilita que falemos e entendamos a língua portuguesa como nativos, se postula desde o conhecimento de regras linguísticas e arcabouço vocabular até nosso conhecimento sobre como usar a língua. De acordo com Kleiman (2016), o elemento

linguístico é de valor central no constituinte textual, logo, obter este conhecimento é o primeiro passo para o desenrolar de uma leitura significativa. A partir disto, Koch & Elias (2006, p. 40) estabelecem que

Abrange o conhecimento gramatical e lexical. Baseados nesse tipo de conhecimento, podemos compreender: a organização do material linguístico (sic) na superfície textual; o uso dos meios coesivos para efetuar a remissão ou seqüenciação (sic) textual; a seleção lexical adequada ao tema ou aos modelos cognitivos ativados

O segundo conhecimento, denominado de **conhecimento textual**, que de acordo com Kleiman (2016), é a capacidade dada ao leitor graças à sua relação com diversos textos, o leitor terá uma maior aptidão leitora diante de variados gêneros textuais/discursivos ou literários. Como estabelecem Koch & Elias (2006, p. 54), este conhecimento “Permite a identificação de textos como exemplares adequados aos diversos eventos da vida social”. Entendamos que no momento em que o leitor sabe qual gênero está lendo, ele elabora estratégias que o levarão a uma leitura mais ampla, pois ele saberá a que elementos deve se ater para que algum sentido seja elaborado.

Consequente, apresentamos o **conhecimento enciclopédico**, este é pautado em nossas aprendizagens do mundo além do signo linguístico, isto é, extralinguístico. É a partir deste conhecimento que Kleiman (2016) aponta sua extrema utilidade, pois, de acordo com a autora, este conhecimento prévio deve estar sempre acionado e não perdido no conhecimento da mente. Como afirmam Koch & Elias (2006, p. 42, grifo das autoras), o conhecimento de mundo “Refere-se a conhecimentos gerais sobre o mundo – uma espécie de *thesaurus* mental – bem como a conhecimentos alusivos a vivências pessoais e eventos espaço-temporalmente situados, permitindo a produção de sentidos”.

Assim, como estabelecem as autoras, este conhecimento é como um tesouro da e na mente. A memória torna-se um cofre de preciosidades. Este conhecimento é de valor muitíssimo significativo, pois ele vai além do *corpus* linguístico como já dito. O ato de ler o espaço que vivemos antecipa-se ao ato de ler o signo linguístico, isto é algo irrefutável e que se valida de outro fato pertinente que é sobre como nossas aprendizagens cotidianas enraízam-se como ferramentas que nos proporciona letramentos<sup>9</sup> diversos.

A respeito disto, Kleiman (2016, p. 24) estabelece que o “[...] conhecimento de mundo, geralmente adquirido informalmente, através de nossas experiências e convívio numa

---

<sup>9</sup> “Estado ou condição de quem *não só* sabe ler e escrever, **MAS** exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral.” (MAGDA SOARES, grifos da autora *apud* BAGNO, 2017, p. 216).

sociedade, conhecimento este cuja ativação no momento oportuno é também essencial à compreensão de um texto”. A autora estabelece ser um conhecimento de concepção informal, ou seja, não se é advindo só da escola, mas também das ruas, de casa e das variadas experiências que todo e qualquer indivíduo possa ter. Para tanto, Martins (1989) diz:

O que é considerado matéria de leitura, na escola, está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro (seja de que espécie for) **como o desencadeado pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pelas publicações de caráter popular, pelos diversos meios de comunicação de massa**, enfim, pelo contexto geral em que os leitores se inserem. Contexto esse permanentemente aberto a inúmeras leituras (MARTINS, 1989, p. 28, grifos nossos).

A ação de leitura é resultado de um diálogo entre sujeito e objeto, isto é, texto e leitor. Desta forma, a leitura também pressupõe, de acordo com Martins (1989, p. 29): “[...] transformações na visão de mundo em geral e na de cultura em particular”. A fim de enriquecer nossas discussões apresentamos os três níveis de leitura de Martins (1989). Acompanhe o quadro a seguir

**Quadro 7:** Níveis de leitura

Nível	Conceito
Sensorial	A leitura sensorial tem um tempo de duração e abrange um espaço mais limitado, em face do meio utilizado para realizá-la – os sentidos. Seu alcance é mais circunscrito pelo aqui e agora; <b>tende ao imediato.</b>
Emocional	A leitura emocional é mais mediatizada pelas experiências prévias, pela vivência anterior do leitor, tem um caráter retrospectivo implícito; se inclina pois à <b>volta ao passado.</b>
Racional	A leitura racional tende a ser prospectiva, à medida <b>que a reflexão determina um passo à frente no raciocínio</b> , isto é, transforma o conhecimento prévio em um novo conhecimento ou em novas questões, implica mais concretamente possibilidades de desenvolver o discernimento do texto lido.

**Fonte:** Elaborado pelo autor deste trabalho a partir de Martins (1989, p. 80-81, grifos nossos).

A leitura sensorial tem relação direta com o primeiro contato que temos com um texto, os sentidos (tato, olfato, audição, paladar, visão) são os referências iniciais e elementares para o ato de ler. É uma leitura, que de acordo com a autora, começa desde muito cedo e acompanha-nos pela vida inteira, passa a ser uma leitura sem racionalizações ou justificativas, ela é rica porque impressiona os sentidos.

Já a leitura emocional, é pela qual o ato de ler busca uma concretude. Neste estágio, a leitura é elemento que incita a imaginação e os sentimentos mais diversificados. É necessário observar que o objeto passa a ser menos concreto e passa a ser mais ideológico, pois, neste estágio de leitura emocional, o que entra em vigor não se trata mais do objeto, mas do que ele provoca e faz o leitor sentir. Para tanto, a autora postula que

Muitas vezes descobrimos, gravadas em nossa memória, cenas e situações encontradas durante a leitura de um romance, de um filme, de uma canção. E sentimos que elas, com o passar do tempo, se tornaram referências de um período especial de nossas vidas, cheio de sonhos e aspirações (MARTINS, 1989, p. 50)

Passamos a compreender este nível de leitura como algo que prima também a individualidade de cada sujeito-leitor, porque as emoções dos sujeitos diferem-se de um para o outro. Por fim, não menos importante, adentramos ao nível racional que para muitos seria a concepção de leitura letrada. O nível racional não desdenha dos demais, ele apenas encontra-se com e em um nível mais completo, pois ele também faz uso da leitura sensorial e emocional, logo, cada um à sua maneira contribui com a formação leitora do sujeito social. Assim como as concepções de leitura propõem uma interação, este nível é a interação dos demais, afinal, também consagra as subjetividades dos sujeitos.

Desta forma, o ato de ler “[...] na perspectiva proposta aqui, a competência para criar ou ler se concretiza tanto por meio de textos escritos (de caráter ficcional ou não) quanto de expressão oral, música, artes plásticas, artes dramáticas ou de situações da realidade objetiva cotidiana [...]” (MARTINS, 1989, p. 65). O que devemos enfatizar que o que difere o nível racional de leitura dos demais é seu posicionamento de valor reflexivo e dinâmico, pois como afirma a autora, este nível permite que o leitor dê sentido ao texto e também o questione, isto o posiciona como crítico do próprio ser como do universo que o rodeia. A partir disto, Martins (1989, p. 77) crê “[...] ser muito difícil realizarmos uma leitura apenas sensorial, emocional ou racional, pelo simples fato de ser próprio da condição humana inter-relacionar sensação, emoção e razão”.

#### 4.3 DO PAPEL PARA A TELA: A LEITURA NO OCEANO DIGITAL

A leitura no contexto digital se faz por intermédio das interações com as novas tecnologias. Na era das tecnologias, passamos a compreender que a leitura “salta” do papel para emergir nas telas, por meio dos *notebooks*, *tablets*, computadores e celulares. É comum, inclusive, que haja dois tipos de recepção em relação ao avanço tecnológico, vejamos:

Toda inovação tecnológica costuma ser saudada com reações imediatas de dois tipos e, muitas vezes, simultâneas, gerando situações um tanto paradoxais. Ao mesmo tempo há entusiastas que celebram o novo invento e os possíveis benefícios que ele poderá trazer para a humanidade, também há sempre um pequeno grupo de céticos que, desconfiados, costumam proclamar desastre iminente de proporções apocalípticas (RAJAGOPALAN, 2013, p. 38).

Como apontam Carvalho & Kramer (2013), a internet é um contexto midiático no qual os sujeitos desempenham funções de atores sociais: suas ações não são engessadas e os sujeitos virtuais são escritores e leitores simultaneamente. Os sujeitos recebem influências sociais, políticas e linguísticas durante os atos, sejam eles de leitura ou de escrita. Afinal, a leitura transforma as formas de ver o mundo de todo e qualquer indivíduo.

Graças aos mecanismos propostos pelas redes sociais, os internautas têm a possibilidade de alternar seus papéis de maneira aleatória, seja como escritor, leitor ou apenas como divulgador. Por este prisma, as interações se intensificam, pois, de acordo com Carvalho & Kramer (2013), os sujeitos virtuais podem ir modificando e construindo sentido em tempo real diante das informações. As autoras também apontam que os leitores digitais possuem abertura para aprovar (curtir, compartilhar), porém, também podem condenar e criticar igualmente.

A censura ao leitor neste contexto digital é demasiadamente mais dificultosa, pois “[...] os recursos tecnológicos que vêm revolucionando os suportes midiáticos estão fazendo os leitores cada vez mais agentes [...]” (CARVALHO & KRAMER, 2013, p. 92). Desta maneira, os leitores passam a ser agentes tanto da construção da informação quanto dos sentidos, logo, os sujeitos também passam a ser leitores colaborativos, pois a concepção de informação e sentido é flexível e complementar.

A leitura do *corpus* que constitui esta pesquisa ocorrerá considerando contexto extralinguístico e metalinguístico. Estes são influentes na ação interpretativa, o primeiro por estar além do material linguístico e o outro por tratar-se especificamente dele. Vejamos a seguir: **Contexto extralinguístico específico:** traços específicos da situação referida no

texto. **Contexto metalinguístico específico:** traços específicos das circunstâncias linguísticas relevantes para o enunciado em questão” (MARCUSCHI, 2008, p. 246, grifos nossos).

Para o extralinguístico específico, apontamos as situações e contextos que proporcionam as feições de sentido que possibilitam “linkar” o texto com variadas informações sociovirtuais, isto é, conhecimentos das mais variadas naturezas. O metalinguístico específico direciona-se, por exemplo, ao uso de uma variedade linguística mais restrita, ou seja, que possui um grupo seletivo de sujeitos que utilizam e que a fazem significar.

Portanto, a associação destas funções contextuais possibilita compreender a leitura no espaço digital como multissignificativa e/ou plurissignificativa. Desta maneira, a compreensão dá-se por um processo inferencial. De acordo com Marcuschi (2008, p. 256), este processo “[...] diz respeito ao modo da produção de sentido que não se dá pela identificação e extração de informações codificadas, mas como uma atividade em que conhecimentos de diversas procedências entram em ação por formas de raciocínio variadas [...]”. Deste modo, a leitura inferencial considera questões de significado, sentido e percepção mental.

No contexto digital, os leitores reafirmam seus papéis ativos, os autores têm seu papel sacro e de detentores da informação postos em segundo plano, pois a leitura neste contexto é de coprodução de sentido, porque os textos constituem-se a partir de variadas informações disponíveis na rede, logo, os leitores virtuais passam a ser produtores paralelos aos produtores propriamente ditos. A interação entre informações de variadas naturezas é o que passa a constituir os hipertextos. Estes, de acordo com Xavier (2010), são elementos dinâmicos e mistos, pois sua linguagem não é engessada e tem relação com as mais diversas interfaces gráficas que os computadores possibilitam, adicionam e redirecionam imagens e palavras.

Passamos a constituir o século da tecnocracia, resultante dos avanços tecnológicos e da globalização das relações econômicas e políticas. O que resulta em uma nova maneira de se ler o mundo. O mundo passa a ser uma grande comunidade, na qual todos os internautas podem ser leitores-ouvintes-falantes-escritores simultaneamente. Por este prisma, a internet passa a ser uma extensão do homem. Afinal, passamos a constituir a sociedade da informação, na qual a leitura também passa a ser *hiper*. Vejamos:

Na esteira da leitura do mundo pela palavra, vemos emergir uma tecnologia de linguagem cujo espaço de apreensão de sentido não é apenas composto por palavras, mas, junto com elas, encontramos sons, gráficos e diagramas, todos lançados sobre uma mesma superfície perceptual, amalgamados uns sobre os outros, formando um todo significativo e de onde sentidos são

complexivamente disponibilizados aos navegantes do oceano digital. (XAVIER., 2010, p. 209).

Como afirma Xavier (2010), é possível compreender que por um paradigma de acessibilidade entendemos que decifrar o mundo virtual tornou-se potencialmente plausível, tendo em vista que seu caráter imaterial o faz onipresente o que permite que seja acessado em qualquer parte do planeta, a qualquer momento e por mais de um leitor ao mesmo tempo. A leitura no espaço digital necessita mais do que mera decodificação, na verdade, qualquer leitura vai além do (re)conhecimento do material linguístico, toda leitura necessita de conhecimentos enciclopédicos, toda leitura é um processo inferencial.

Enfim, a leitura é uma soma entre o dito e não dito no qual o leitor busca estratégias para construir sentido, o que também condiciona o leitor a preencher lacunas deixadas pelo autor. Segundo Xavier (2010), o hipertexto passa a consolidar a ideia de leitura de mundo como proveitosa, dinâmica e potencialmente rica, porque há uma ampliação no conceito de compreensão do leitor, pois passa a existir uma exploração superlativa das informações.

Esta ampliação também possibilita repensar a ideia de linearidade no ato de ler, pois há caminhos possíveis e diversificados para a leitura. Porque a relação entre as diversas linguagens proporciona ao leitor a possibilidade de ler de forma não convencional, logo, não há uma hierarquia entre partes e seções que devam servir de guia. Como aponta Xavier (2010), a leitura do hipertexto é “à *self-service*”, pois não há **um foco** dominante, há **focos**, o que caracteriza a base constitutiva do hipertexto, ou seja, há uma inovação no ato de ler, uma deslinearização. Porém, é necessário compreender que

[...] dentro de um contínuo de linearidade, o hipertexto apresenta um maior distanciamento das formas tradicionais de hierarquizações por ser mais flexível na sua formatação visual, estocagem do material discursivo e, sobretudo, por colocar na mão do usuário um maior controle sobre a seleção das unidades de informação. Todavia, para ser inteligível, o hipertexto – como qualquer outra tecnologia enunciativa – precisa apresentar alguma linearidade, pois não pode subverter os níveis de organização das línguas naturais [...] (XAVIER, 2010, p. 214).

Desta forma, a leitura no contexto digital estabelece os conhecimentos do mundo, como um conhecimento prévio precioso, já que o acionamento de variadas leituras guardadas na memória possibilita que o leitor abra “janelas” em sua mente e as mais diversas “abas” tragam significados, atribuindo sentido às palavras, às imagens, ao híbrido palavra-imagem. A compreensão no contexto digital é uma leitura de caráter plural.

## 5 TRAJETO METODOLÓGICO DA PESQUISA

“Sem ‘amor’ pelo tema escolhido não se vai adiante na busca de respostas para as inúmeras perguntas que vão surgindo.”

- Thais Cristófaros Silva (2014, p. 226)

Neste espaço, descreveremos o percurso de realização de nossa pesquisa, classificando-a em tipo, paradigma e caráter. Adiante, explicamos os critérios da coleta de *corpus*. Partindo das postulações de Bortoni-Ricardo (2008) e Xavier (2014) a respeito dos fundamentos da metodologia e da pesquisa científica.

### 5.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa é do tipo qualitativa, pois, segundo Bortoni -Ricardo (2008), buscamos compreender os fenômenos sociais a partir de um contexto. Assim, é uma abordagem que levará em consideração a pesquisa social e sociolinguística situando como ambiente as redes sociais. Levamos em conta o fato de que “a análise de redes sociais é um instrumento poderoso para explicar características socioculturais e sociolinguísticas de um grupo social” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 124). É a internet o veículo para observarmos os elementos resultantes das interações nas redes sociais, nesta perspectiva, a análise qualitativa considera que,

Quando se trata de sistemas sociais, essa análise é uma estratégia estrutural que pesquisa as relações entre os indivíduos que formam um grupo. Nessa perspectiva, as relações interindividuais se tornam mais importantes que os atributos dos indivíduos. Pode-se definir uma rede social como um conjunto de vínculos entre os membros de um grupo (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 121).

Em se tratando do tipo de pesquisa qualitativa, há de se estabelecer aqui um paradigma hermenêutico-dialético, uma vez que “pressupõe a razão dialética sobre a analítica e busca a interpretação dos significados culturais” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.13). Enquanto paradigma de pesquisa, pauta-se num estilo de flexibilidade, que de acordo com Bortoni-Ricardo (2008, p. 58), “[...] aceita o fato de que o pesquisador é parte do mundo que ele pesquisa. Segundo o paradigma interpretativista, o cientista social é membro de uma sociedade e de uma cultura [...]”.

A partir disto, compreendemos que as análises são de valor subjetivo. Afinal, não podemos deixar de considerar nossas crenças e visões de mundo. Esta pesquisa é de caráter descritivo-interpretativista, interpretativa porque considera a interpretação das atividades sociais e também o significado que os sujeitos atribuem a essas atividades na vida em sociedade. É descritiva porque entendemos como a tentativa de explorar e esclarecer fornecendo subsídios adicionais a respeito de um conteúdo.

Para tanto, também se vale de um método bibliográfico, tendo em vista que as análises irão ater-se, também, a postulações teóricas. Partimos inicialmente de uma abordagem sociolinguística variacionista por pautarmos as gírias como uma diversidade linguística e por este viés, elegemos fundamentos de Labov, Bagno e Preti como pertinentes e necessários.

Optamos, também, por uma abordagem textual/discursiva por entendermos a necessidade de a linguagem ser avaliada e analisada em seu uso concreto. Assim, elegemos fundamentos de Bakhtin e Marcuschi, autores que subsidiam as análises de gênero, tanto na idealização digital quanto na abordagem aos memes enquanto gênero. Por fim, crendo nas relações entre os significados das variedades linguísticas restritas e no gênero enquanto instrumento de comunicação, decidimos eleger uma perspectiva de leitura sociodiscursiva baseado em Koch & Elias, Kleiman e Xavier.

A observação também é uma característica presente nesta pesquisa. Segundo Xavier (2014), o pesquisador faz uso de seus sentidos para examinar o objeto de investigação com o propósito de conhecer o objeto de forma mais completa. É por este viés de observação que o pesquisador se prontifica a entender que “[...] não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes. Ademais, e principalmente, a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados [...]” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32).

## 5.2 COLETA DE CORPUS

Inicialmente, selecionamos 05 (cinco) memes para esta pesquisa através dos critérios de composição do gênero. A partir das concepções de estilo, temática e estrutura apontados por Bakhtin (2003). Mais especificamente, a questão estrutural do gênero, a qual diz respeito à presença do vocábulo gírio. Coletamos em redes sociais e *sites* de busca aqueles que se propagaram a) em meio às redes sociais voltadas ao público LGBT ou b) aqueles que foram divulgados em redes sem público específico.

Nossa busca possuía como elemento central os memes de linguagem híbrida, isto é, linguagem verbal e não verbal, por verbal: as gírias/expressões, por não verbal: as imagens. Desta maneira, os memes foram obtidos através de redes como Facebook e Instagram, mas também de sites de busca como o Google. Selecionamos os cinco memes entre maio de 2017 e maio de 2018. A constituição do *corpus* dá-se pelas seguintes características:

O primeiro meme foi extraído de uma página pessoal da rede social Instagram, publicado em 20 de julho de 2017, o mesmo faz uma alusão entre a expressão gíria e a personagem Sheila de *A caverna do Dragão*. O meme número dois posiciona uma expressão de valor semântico semelhante ao meme um, mas utiliza da imagem de uma “diva pop” para constituir sua estrutura mista. Este foi retirado do site *Gerador Memes*, originalmente publicado em 19 de maio de 2014. O terceiro meme apresenta o termo gírio proveniente do *bajubá* e dá destaque para uma imagem de um dos filmes da trilogia *Nárnia*, este foi publicado em 16 de setembro de 2017.

O quarto meme foi selecionado, inicialmente, de uma busca no site Google, no qual enfatizamos o termo gírio que nos levou ao site *Qual é a gíria?* O meme possui um termo advindo também do *bajubá* que, a partir do seu significado, realiza um posicionamento diretivo ao ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. O quinto constructo possui a escritora Clarice Lispector como destaque não verbal, o mesmo é constituído por um discurso alheio, o qual foi proferido na apresentação de um quadro em um programa de TV local do Estado do Ceará destinado ao público LGBT. Foi extraído do site *O pensador*, que divulga citações de diversos “pensadores” e escritores.

## 6 “VAI SER CHOQUE DE MONSTRO”<sup>10</sup>: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS MEMES

“Diferenças de hábito e linguagem não são nada se os nossos objetivos são os mesmos e os nossos corações estão abertos”

- Alvo Dumbledore em “Harry Potter e o Cálice de Fogo”

Este capítulo destina-se à análise e discussão dos cinco memes que selecionamos para a constituição do *corpus* desta pesquisa. Desta forma, iremos retomar postulações teóricas sobre gíria, gênero e leitura que embasam a análise dos memes.

### 6.1 DESVENDANDO A LINGUAGEM DO VALE<sup>11</sup>

No capítulo sobre gêneros, postulamos a composição dos memes que compõe o *corpus* deste trabalho, observamos a presença de linguagens verbal e não verbal. Assim, os conhecimentos prévios do leitor interagem com memes para a construção de sentidos/significados diante do que é lido. Ou seja, observamos que o processo se dá pela capacidade não unicamente de decifrar sinais, mas sim da aptidão de atribuir sentido a eles. Sobre a produção de sentidos de um texto, Paiva (2018, p. 47, grifos nossos) postula que

[...] o indivíduo faz uso de mecanismos extralinguísticos como conhecimento do assunto, consciência do meio em que está inserido, finalidade, entre outros fatores. Assim, esta prática pode se dar de forma clara, objetiva ou ficar no plano dos subentendidos, dos implícitos, da rede discursiva que permite construir um novo sentido a partir da noção dialógica com que se relaciona.

A autora pauta o fato de os conhecimentos de mundo serem uma ferramenta na elaboração de sentido de um texto e aponta o fato de a consciência do meio ser um mecanismo útil. Isto muito nos interessa, a partir do momento em que o leitor estabelece sentido quando lê meme que apresenta gíria LGBT, pois mesmo que não perceba ou saiba, detém conhecimentos de uma comunidade homossexual.

A gíria LGBT se concentra no grupo dos socioletos, pois compreende-se que é uma variedade com forte sentimento de união de grupo e apresenta um caráter restritivo, como

<sup>10</sup> Expressão verbalizada por indivíduo LGBT durante participação em programa de televisão. Repercutiu na internet como meme.

<sup>11</sup> Yonara Santos, pastora evangélica, protagonizou alguns anos atrás, ao microfone e em cima do altar, um depoimento sobre suas supostas viagens ao inferno. Na casa do diabo, a pastora teria feito um passeio por todo aquele fogaréu e dado de frente com o que ela nomeara de **Vale dos Homossexuais** (Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bmibxllaRBo>>. Acesso em: 06 de dez. 2018).

aponta Bagno (2017). A partir disto, é possível apontar o conhecimento sobre a gíria LGBT como um aprendizado acerca de um significante de contexto metalinguístico específico que posiciona seu significado em um contexto extralinguístico também específico, como estabelece Marcuschi (2008).

Segundo Bakhtin (2003), o gênero apresenta estilo, conteúdo temático e estrutura composicional. Podemos observar que os memes apresentam uma composição mista – linguagem verbal e não verbal – o estilo é informal utilizando de sentenças breves – como aforismos – e apresenta um conteúdo piadista voltado às relações humanas, isto é, utiliza de humorismo, seja crítico ou irônico. O meme se constitui enquanto gênero digital não apenas por apresentar esses critérios apontados por Bakhtin (2003), mas também por serem estruturas flexíveis que apresentam características culturais de um povo, pois o meme é um constructo de representação social, linguística e ideológica. A seguir, a análise do meme 01:

**Figura 4:** Meme 01 - Fazer a Sheila

O BOY FEZ A SHEILA



**Fonte:** <<https://www.instagram.com/p/BWxkE4uHPXS/?taken-by=hotinside>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

O gênero apresenta texto verbal “O boy fez a Sheila” que podemos analisar da seguinte forma: **Fazer a...** que, de acordo com a dicionária *Aurélia* de Vip & Libi (2013, p. 60), designa uma expressão que tem o sentido de **dar uma de**, ou seja, **tomar as características e/ou habilidades a quem se refere**. Como apontado por Preti (1984), as gírias possuem um caráter misterioso, mesmo a expressão gíriática estando em língua portuguesa, seu significado é criptológico a partir do momento em que o leitor/ouvinte não consegue compreender a que se designa.

A personagem Sheila destaca-se no meme por suas habilidades de tornar-se invisível. A Sheila, originalmente, é personagem do desenho *A Caverna do Dragão* que foi produzido pela Marvel Productions, TSR e Toei Animation e foi transmitido em três temporadas num

total de 27 episódios durante a década de 80, mais especificamente entre os anos de 1983 e 1985. Na animação, Sheila é um dos seis jovens que acabam, durante um passeio, atravessando um portal que se abre e conduz o grupo a outro mundo. Neste lugar, os jovens já surgem trajando outras roupas e recebem acessórios mágicos de um ancião que se apresenta como Mestre dos Magos.

A partir de então, esses jovens passam por diversas aventuras no anseio de voltar para casa. Sheila ganha como arma do poder uma capa com capuz que lhe possibilita o poder da invisibilidade. Esta informação é importante e precisa ser recuperada pelos leitores do meme. Observamos, pois, que a intertextualidade com o desenho é fator decisivo para a atribuição de sentido. Logo, compreender e desvendar este texto só é possível por intermédio dos conhecimentos prévios sobre o desenho e as habilidades da personagem Sheila, pois dão-se a partir de um conhecimento de mundo, ou seja, um tesouro mental, como estabelecem Koch & Elias (2006).

Assim, a habilidade que Sheila possui de desaparecer é o que atribui significado à expressão “fazer a Sheila”. O uso no meio LGBT significa que o boy (garoto) desapareceu, não se faz presente no relacionamento ou nos eventos sociais do grupo. A associação feita entre a expressão gíriática e a habilidade de Sheila é instrumento para o humor por colocar em evidência uma situação social, ou seja, uma situação que possa ser “tipicamente” presenciada pelos sujeitos LGBT. O humor proveniente do meme, segundo Santos (2012), se dá pelo fato da impossibilidade de se dissociar o riso das situações sociais. Outrossim, pautamos, a partir de Preti (2010), o caráter criptológico que a gíria possui. Isto também contribui para a constituinte humorística, pois Alonso (2010) discerne que o riso da gíria se dá por estabelecer um caráter “não sério”, isto é, vai de encontro ao convencional e acaba por se colocar fora dos padrões normativos impostos pela sociedade, sejam eles socioculturais ou linguísticos.

É válido comentar que também há marcas de criticidade, pois é comum haver uma crítica dos próprios sujeitos LGBT sobre não haver uma durabilidade nos relacionamentos homoafetivos, que os indivíduos gays não perduram seus relacionamentos ou que simplesmente os parceiros/as desaparecem sem dar satisfações. Estas constatações são possíveis por acreditarmos que a leitura está além do texto e além de quem o produz/autor. O sujeito-leitor, pois, precisa colocar em cena seus conhecimentos prévios: conhecimento metalinguístico específico e conhecimento do mundo para a construção de sentidos.

Por intermédio do conhecimento linguístico temos a capacidade de atribuir significado à expressão gíriática presente, assim como dar significado ao termo “boy”, por exemplo, que pertence a uma língua estrangeira. O conhecimento textual também possui serventia, pois ao

reconhecer o gênero como hipertexto passa-se também a acionar o conhecimento de mundo que irá possibilitar as realizações de associação e fazer inferências diversas sobre o texto. Assim, levando em consideração o caráter híbrido que o texto possui e seu valor crítico e humorístico, podemos acionar a pluralidade de sentidos que o meme 01 apresenta. Adiante, faremos a análise do meme 02 desta pesquisa:

**Figura 5: Meme 02 - Fazer a Egípcia**



**Fonte:** <<http://geradormemes.com/meme/sw915p>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

O meme em análise, como já dito em nossa metodologia, também é de caráter híbrido. Podemos observar a utilização de uma linguagem não verbal que muito se associa ao estilo egípcia (cabelo, maquiagem, roupa, posição de mão). A linguagem verbal presente: “Fazer a egípcia”, de acordo com a dicionária *Aurélia* (VIP & LIBI, 2013, p. 60), apresenta a seguinte definição: **expressão possui um significado de desdém ou se fingir que não viu, não conhece, não está entendendo do que se trata.** A expressão surge da motivação dos desenhos egípcios e no rosto em posição de perfil estabelecendo uma semelhança com a imagem utilizada como recurso composicional do meme.

A imagem, ainda, destaca a cantora e compositora norte-americana Katy Perry, que lançou em 17 de setembro de 2013 a canção *Dark horse*<sup>12</sup> (cavalo negro). No clipe, temos a cantora Katy Perry dando ênfase a elementos e cenários egípcios que resultam no uso do elemento imagético. A cantora, no meme, está em uma posição de perfil como das figuras egípcias, o que nos possibilita associar e fazer referência durante a leitura. É válido ressaltar a importância das chamadas “divas pop” no que concerne a cultura LGBT, pois há uma referência dos sujeitos gays com artistas do sexo feminino, isto porque

Creio que a resposta está no paralelo (metáfora nem por isso certa) que podemos estabelecer entre a libertação por que as mulheres lutam, contra a misoginia e o sexismo, e a libertação por que os gays lutam, contra a homofobia. Há um pré-conceito cristalizado de que são, mulheres no geral, e homossexuais também, fracos por natureza, inferiores aos homens

<sup>12</sup> <<https://www.youtube.com/watch?v=0KSOMA3QBU0>> Acesso em: 18 fev. de 2018.

heterossexuais. A coragem inspira. Subsiste, pois, diria mesmo, floresce, da nossa parte, um misto de admiração, com mistura de glamour e um apontamento de erotismo. (GONÇALVES, 2016, s/p)

No site *Esqrever*, Gonçalves (2016) estabelece um viés do porquê de haver um “endeusamento” da mulher em meio a comunidade LGBT, ou melhor, uma evidenciação da imagem feminina, sejam personalidades reais ou fictícias, assim como nos memes anteriores. Como Gonçalves (2016), acreditamos que os LGBT se identificam por uma questão social, isto porque numa sociedade machistas as mulheres são tidas como inferiores, havendo uma separação sexista. Então, evidenciar a mulher enquanto “diva” acaba por dar ênfase e destaque para um grupo que também é diminuído socialmente. O empoderamento feminino inspira não só outras mulheres, mas também gays masculinos, deste modo, homens gays passam a ser pró-feministas.

O uso do elemento imagético, isto é, da imagem de Katy Perry caracteriza a intertextualidade no gênero. A partir dos conhecimentos de mundo, o sujeito leitor busca edificar um sentido para o uso do intertexto, como estabelecem Koch & Elias (2006), o produtor de um texto utiliza o intertexto de forma implícita por considerar que o texto utilizado já faça parte do repertório de conhecimentos do leitor. O humor faz-se presente no momento em que o leitor reconhece o signo gírio. Assim, conforme Alonso (2010), o riso da comunidade LGBT está relacionado ao caráter “não sério” que os sujeitos atribuem às situações sociais, quando “faz a egípcia” os LGBT estão desdenhando e dizendo que não viram ou fingem que não estão entendendo nada, mas na verdade estão compreendendo tudo.

**Figura 6:** Meme 03 - Sair do armário



**Fonte:** <[https://www.instagram.com/p/BZH7KrSnb11/?hl=pt-br&taken-by=humor\\_gay](https://www.instagram.com/p/BZH7KrSnb11/?hl=pt-br&taken-by=humor_gay)>. Acesso em: 16 set. 2017.

No meme três podemos analisar inicialmente o termo “Hey” o qual expressa “Ei”, uma variedade para “inhal”, de acordo com Vip & Libi (2018, p. 73), é uma forma anasalada de dizer “e aí?” que informalmente é um termo utilizado para chamar a atenção, tem a funcionalidade de cumprimento. A maneira como é escrito, já revela que utiliza de signos diferentes aos padronizados pela língua portuguesa é feito conscientemente fora do “padrão”, pois também é uma maneira de voltar-se contra o convencional estabelecido como norma.

Em seguida, podemos identificar o termo “mona” que, de acordo com Vip & Libi (2013, p. 92), é um termo utilizado para indicar mulheres, todavia é **usado também para o tratamento e chamamento de homossexuais** masculinos, ou seja, possui uma funcionalidade de vocativo. O termo é classificado por Aurélia (2013) como de origem *bajubá*, que de acordo com Castro (2005), tem relação direta com o iorubá, língua influente na formação da língua portuguesa juntamente com outras línguas africanas.

A imagem utilizada trata-se de um intertexto, este é resultante de um dos filmes da trilogia *Nárnia*, mais especificamente: O leão, A bruxa e O guarda-roupa. Esse é o primeiro filme da trilogia, no qual a personagem Lúcia se destaca em nossa análise, pois a mesma é quem está abrindo a porta do guarda-roupa. O meme se estabelece como sinônimo de **sair do armário** que, de acordo com Aurélia (VIP & LIBI, 2013, p. 119), é uma expressão utilizada diretamente com os **indivíduos que assumem publicamente a sexualidade**. Termo comum entre a comunidade LGBT, mas que também já estendeu seu significado à linguagem em geral.

A construção sintática “já pode sair” constitui a relação entre o comando/pedido e o significado da expressão – “sair do armário” - apesar de a expressão gíria não estar explícita, o intertexto, isto é, a imagem de Lúcia abrindo um grande guarda-roupa nos serve de implícito específico. É importante informar que a publicação do hipertexto foi feita por uma página voltada à comunidade gay. Deste modo, a expressão age como crítica social aos próprios sujeitos LGBT que não “se assumiram”, isto é, que não assumiram publicamente sua condição sexual e que ainda estariam se escondendo em um armário.

De acordo com Saggese (2008), apesar de a questão em princípio parecer simples, “sair do armário” ainda é algo permeado por inúmeras especificidades e implicações sociais. Antes de qualquer coisa, é um processo que envolve uma gama de negociações de licença simbólica e prática. É verdade que nos últimos anos há realmente um maior espaço de aceitação, porém “assumir-se” é uma ação que diz respeito unicamente ao sujeito, pois ele

quem conhece e reconhece as implicações que podem acarretar seus atos em relação ao meio no qual este indivíduo atua e convive.

O humor, então, é possível por dois caminhos: o do estereótipo e o da identidade, algo apontado por Possenti (2010). O riso é de ordem a) identitária, quando os próprios sujeitos LGBT riem da “provocação” e b) estereotipada, quando os sujeitos héteros riem da situação estabelecida, entre estereótipo e identidade o risível está direcionado ao comportamento humano, como estabelecem Martins & Santos (2017). Estas leituras são possíveis graças aos conhecimentos de valor enciclopédico e linguístico que o leitor possui, isto é, uma associação entre estes conhecimentos.

**Figura 7:** Meme 04 - Dar a Elza



**Fonte:** <<http://www.qualeagiria.com.br/giria/dar-a-elza/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

Como sabemos, o cenário político brasileiro é conflituoso e cheio de percalços. O meme quatro, acima, apresenta a foto do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva como destaque e a seguinte expressão: **dar a Elza**. De acordo com Vip & Libi (2013, p. 48), a expressão gíria em uso no meme significa o **ato de roubar**. A presença das linguagens verbal e não verbal confere a configuração híbrida que este hipertexto possui. A imagem do ex-presidente apresenta-se como intertexto, pois como estabelece Marcuschi (2008), o produtor considera o intertexto como um conhecimento do mundo em geral. Lula foi presidente por dois mandatos, entre 2003 e 2011 e teve e tem seu nome envolvido em alguns escândalos com alguns outros políticos do cenário brasileiro.

O fato é que mesmo após terminar seu mandato como presidente, Lula ainda tem seu nome envolvido em acontecimentos de corrupção. De acordo com o *G1*<sup>13</sup>, em matéria de abril de 2018, vejamos: “Lula foi condenado em duas instâncias da Justiça no caso do triplex em Guarujá (SP). A pena definida pela 8ª Turma do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4) é de 12 anos e 1 mês de prisão, com início em regime fechado, por corrupção passiva e lavagem de dinheiro.”

É importante acrescentar que o meme não é resultante de uma única situação ou de um fato específico. O meme de Lula foi produzido a partir de vários noticiários do cenário político e apresenta um teor irônico e crítico, pois o riso se estabelece nesta relação entre o significado da expressão “dar a elza” e o posicionamento negativo do ex-presidente em dizer que nunca fez tal ato: “Eu nunca dei a Elza”<sup>14</sup>. Assim, Santos (2012) aponta a relação direta entre o cômico e o social, quando afirma que todo humor está relacionado ao cenário em que o homem atua. Vale salientar que o humor se constrói na relação de seriedade que a situação possui – ou deveria possuir - afinal estamos tratando do cenário político brasileiro, porém, o que não faltam são fatos corruptos nas atuações dos nossos políticos, sejam eles: locais, estaduais e/ou federais.

**Figura 8: Meme 05 - Destruidora**



**Fonte:** <<https://www.pensador.com/frase/MTUwMzA0OA/>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

Em relação ao meme acima, o material linguístico temos elementos diversos, inicialmente o vocábulo “bicha”, termo gírio já conhecido pela sociedade em geral, que **indica homossexual masculino**. É fato que o termo é utilizado muitas vezes de forma pejorativa e injuriosa por héteros a fim de atacar os sujeitos homossexuais, porém, é válido ressaltar o que estabelece Lau (2015) ao determinar que a própria comunidade LGBT utiliza destes termos com a pretensão de apropriar-se ainda mais de sua linguagem e não se deixar denegrir. Assim,

<sup>13</sup> <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/lula-se-entrega-a-pf-para-cumprir-pena-por-corrupcao-e-lavagem-de-dinheiro.ghtml>> Acesso em: 03 jul. de 2018.

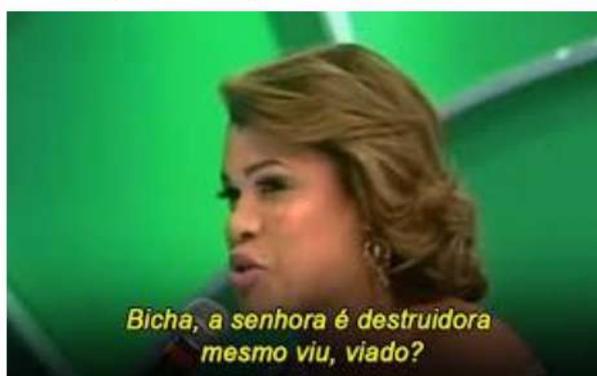
<sup>14</sup> Não queremos aqui julgar ou tomar partido no sentido de considerar que o ex-presidente Lula roubou de fato, ou se foi vítima de manipulação de grupos políticos contrários ao Partido dos Trabalhadores (PT).

o termo bicha é comumente **utilizado na função de vocativo**, utilizado como **chamamento entre os sujeitos da comunidade LGBT**.

Em “a senhora é destruidora” o termo “senhora” é uma outra palavra que passou a ser adotada pela comunidade com **a funcionalidade também de chamamento e de nomeação geral**. Isto é, todo sujeito gay pode ser chamado de “senhora”. Já o termo “destruidora” apresenta uma relação sinonímica com os vocábulos **abalar** e **arrasar** comumente utilizado pelos indivíduos LGBT para determinar, de acordo com Vip & Libi (2013), **quando algo foi bem feito** ou **se pretende fazer de forma magnífica**. Desta forma, o vocábulo: “destruidora”, passa a constituir-se de uma nova carga semântica: as ações negativas de destruir, abalar, tombar e arrasar se consagram ações positivas: esplendoroso, chamativo, escandaloso, bonito, pela comunidade LGBT.

Como afirma Marcuschi (2008), o texto se constitui pela comunhão de discursos. Apesar de indicar Clarice Lispector como autora da frase: “bicha a senhora é destruidora mesmo” é na realidade uma montagem. Essa frase é, de fato, uma construção que viralizou enquanto meme quando foi proferida por Sangalo, personalidade que participou de um quadro intitulado *Glitter: em busca de um sonho*<sup>15</sup> o qual era transmitido pela TV Diário, emissora cearense. O programa possuía 9 participantes, todos integrantes da comunidade LGBT (apresentando drags, andrógeno, travestis e etc.) disputando entre si para conquistar um sonho particular. A disputa resultou na produção de memes diversos, como o celebre de Sangalo. Vejamos abaixo:

**Figura 9:** Sangalo no quadro *Glitter*



**Fonte:** <<http://www.museudememes.com.br/sermons/choque-de-monstro-e-fechacao-de-tempo-glitter-memes-e-comunidade-lgbt/>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

<sup>15</sup> <[https://www.youtube.com/watch?v=ebkD\\_e\\_mJcA&list=PL7E6X0VcIsU1uNR883VYQmE3LzXUvVyD4](https://www.youtube.com/watch?v=ebkD_e_mJcA&list=PL7E6X0VcIsU1uNR883VYQmE3LzXUvVyD4)>. Acesso em: 21 jun. 2018.

O jogo de humor se estabelece na associação entre a seriedade x não seriedade, pois é amplamente conhecida a seriedade da escrita literária da artista Clarice e como aponta Alonso (2010), o riso da comunidade LGBT está direcionado ao tratar de forma “não séria”, o que se estabelece como outra forma de ir contra o convencional. O intertexto é de característica implícita, uma vez que quem produziu o meme considerou que o leitor já possuísse, em seu conhecimento de mundo, a informação de que jamais Clarice Lispector seria autora desse meme.

Ao fim das análises dos memes, observamos que as gírias utilizadas no *corpus* agem como elemento identitário dos sujeitos LGBT nos memes selecionados, pois, há uma relação direta entre o significado das gírias e os demais elementos que possam constituir o gênero presente. Destarte, a identidade linguística dos sujeitos LGBT é uma realidade social, pois a linguagem utilizada pelos sujeitos desta comunidade especifica os caracteriza de maneira sólida, mas também estereotipada. O preconceito marginalizado não deixa de acompanhar os indivíduos que constituem a comunidade. Entretanto, como afirma Paiva (2018), identificar-se com sua linguagem de uso é proporcionar o empoderamento linguístico e sociocultural.

Neste paradigma de relações podemos apontar o gênero meme enquanto uma ferramenta de crítica tanto para com o público em geral como para com os próprios indivíduos LGBT. Na perspectiva de atribuir sentido a um hipertexto, neste caso aos memes, exploramos o humor, viés que contempla o riso, o gracejo e a comicidade; a intertextualidade, pois, há uma associação implícita entre as gírias e/ou expressões LGBT em relação às imagens que concernem o caráter híbrido do gênero.

Assim, o gênero se faz constituinte de cultura, sendo o meme um recorte espacial e atemporal que traz consigo elementos linguísticos estigmatizados por serem próprios de uma comunidade excluída por sua orientação sexual e/ou identidade de gênero. Deste modo, podemos identificar a variabilidade linguística pautada por Bagno (2007), assim como observamos a influência da diversidade linguística - social e estilística - descrita por Labov (2008).

Por fim, os sujeitos LGBT mostram midiaticamente quão necessária é a busca pela aceitação e passam a estabelecer a normalidade em se ser diferente do padrão. O que alguns veem como rebeldia social, como exagero, ação agressiva por meio da comunidade LGBT, faz parte do processo, enquanto movimento social, que realmente é excessivo, a fim de ser lapidado e poder alçar um pico e assim constituir sua “normalidade”, isto é, sua aceitação social.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito ainda se pode indagar e refletir a respeito da linguagem LGBT. Todavia, acreditamos que o recorte que estabelecemos nesse trabalho demonstra um pouco esse universo, quando observamos que os objetivos foram alcançados: a) reconhecemos a gíria LGBT como uma diversidade linguística que promove o empoderamento da comunidade gay; b) também estabelecemos o meme enquanto gênero por considerarmos as postulações bakhtiniana acerca de composição, conteúdo e estilo, por fim c) analisamos o uso do signo gírio como uma variedade linguística que direciona múltiplos sentidos diante da composição do gênero. Assim, pudemos determinar como o signo gírio LGBT constitui uma prática linguística de representatividade, ao mesmo tempo é um elemento que constata a variabilidade da língua.

A comunidade LGBT respalda seu empoderamento no momento em que passa a ir contra o convencional através da linguagem. Esta se estabelece como instrumento de ataque e defesa, uma vez que a sociedade estabelece padrões não apenas socioculturais, mas também linguísticos. O padrão é excludente, deste modo, não devemos tomar a sociedade como engessada, porque ela se desenvolve a partir de todos os sujeitos, considera fatores étnicos, de credo e gênero, logo, heterogênea.

A linguagem enquanto ferramenta de interação, inclusão e socialização passa a possibilitar o surgimento de veículos diferenciados no que concerne a comunicação humana. Nesta premissa passamos a compreender que os memes da internet, enquanto gênero digital, possibilita propagar “genes” culturais. Assim, esse gênero passa a ser um divulgador massivo da cultura LGBT tanto entre os próprios sujeitos quanto entre os simpatizantes.

Além disso foi possível analisar múltiplos sentidos acionados pela leitura do meme, nosso *corpus* possibilitou o entendimento do caráter não verbal como elemento de característica intertextual, pois observamos um uso de imagens que direcionam aos acontecimentos da vida cotidiana, sejam estes reais ou não. Como também pudemos observar o humor enquanto um elemento possível, pois consideramos que o riso da comunidade ocorre também por lidar com o sério de maneira “não séria”, não ridicularizando, mas modificando a ideia, mais uma vez uma batalha contra o convencional. Mas também foi possível observar posicionamentos de criticidade, afinal, os sujeitos sociais utilizam da linguagem como instrumento de ação crítico-reflexivo.

Desta forma, a atribuição de sentidos nos memes ocorreu por intermédio das relações textuais, ou seja, a capacidade de reconhecer o significado do signo gírio e a capacidade de

associá-lo ao recurso imagético presente no gênero. Assim, a linguagem híbrida é parte essencial da composição do gênero e possibilita a constituição estilística e temática do próprio gênero.

Podemos observar que a comunidade LGBT possui elementos que podem subsidiar pesquisas de áreas diversas. Optamos pela análise de vocábulos gírios por considerarmos que a partir da linguagem os sujeitos exercem relações de poder, de tal modo que a marginalização da comunidade LGBT resulta no uso de códigos linguísticos performáticos e nada convencionais. Ao observar a língua em uso, emergimos o meme da internet como *corpus*, pois consideramos seu valor viral, mas também por ser um propagador massivo de informações.

Observamos, em nossas análises, que o meme 01 é um híbrido entre a personagem Sheila- de a caverna do dragão – e a gíria “fazer a Sheila”, deste modo, há uma relação de significados entre as habilidades de invisibilidade de Sheila e o significado da expressão giriática que significa tomar as habilidades da mesma. No meme 02, o híbrido linguístico e imagético também acontece, mas enaltece a imagem da cantora Katy Perry. A imagem da cantora também perpetua parte da cultura LGBT que enaltece as divas pop e todas as mulheres por se identificarem com sua batalha social contra o sexismo e a inferiorização.

No meme 03, destaca-se uma questão social bastante presente na contemporaneidade, a crítica aos indivíduos LGBT que não assumiram sua sexualidade, contudo, este “assumir-se” diz respeito apenas ao sujeito, o que implica variadas relações, sejam ideológicas ou simbólicas que apenas ele pode avaliar. No meme 04, a crítica também se faz presente, há um posicionamento em relação ao contexto político, no qual enfatiza-se a imagem de Lula atrelado à gíria “dar a elza” que significa roubo. Por fim, o meme 05 apresenta-se numa montagem que atribui à Clarice Lispector a autoria de uma frase que não condiz com seu posicionamento sério. Assim, as relações nos memes são posicionamentos de caráter intertextual, humorístico, crítico e irônico, isto por um viés da linguagem híbrida que valoriza a cultura pop e enaltece o uso do signo gírio LGBT.

Por intermédio da linguagem gíria, os sujeitos LGBT enfatizam sua batalha social, indo contra o tradicionalismo imposto como regra. Assim, por meio da valorização de seu próprio vocabulário, a comunidade LGBT empodera-se. No mais, acreditamos que a pesquisa foi bastante proveitosa, pudemos atingir os objetivos específicos que estruturam o geral, assim como colocamos em ênfase a comunidade LGBT. Esperamos que este estudo possa contribuir para uma melhor compreensão das gírias da comunidade LGBT nesse novo cenário social que tem tomado forma através das redes sociais.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO, Nilton Tadeu de Queiroz. **Entre segredos e risos: gírias da diversidade sexual paulistana**. 2010. 233 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- ANTUNES, Irlandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de Sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Língua, linguagem e linguística: pondo os pingos nos ii**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Nada na Língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Preconceito Linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARRETO, Krícia Helena. **Os memes e as interações sociais na internet: uma interface entre práticas rituais e estudos de face**. 149 f. 2015. Tese. (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.
- BECHARA, Evanildo. **Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- \_\_\_\_\_. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- CARVALHO, Nelly; KRAMER, Rita. A linguagem no Facebook. IN: SHEPHERD, Tania G. SALIÉS, Tânia G. (Orgs.). **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 77-92.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. A influência das línguas africanas no português brasileiro. IN: Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura da Cidade do Salvador. (Org.). **Pasta de textos da professora e do professor**. Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005.
- DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. v. 7. Tradução Geraldo H. M. Florsheim. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. (Coleção o homem e a ciência).

ESCALANTE, Pollyana Rodrigues Pessoa. **O potencial comunicativo dos memes: formas de letramento na rede digital.** 2016. 122 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Júnior:** dicionário escolar de língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005.

FREIRE, Paulo, **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GONÇALVES, Nuno. **A importância das referências femininas nos gays.** Disponível em: <<https://esqrever.com/2016/09/17/a-importancia-das-referencias-femininas-nos-gays/>>. Acesso em: 12 mai. 2018.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor:** aspectos cognitivos da leitura. 16. ed. Campinas: Pontes, 2016.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ler e escrever:** estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2015.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAU, Héilton Diego. A (des)informação do bajubá: fatores da linguagem da comunidade LGBT para a sociedade. **Temática**, Paraíba v. 11, n. 2, p. 90-101, fev. 2015c. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/download/22947/12672>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. **Pelo direito e orgulho de ser heterossexual no terceiro domingo de dezembro.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. IN: \_\_\_\_\_; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e Gêneros digitais.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.13-67.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. IN: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 19-38.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Iara F. de Melo. Linguagem, inclusão e ensino. IN: LINS, Juarez Nogueira. **Estudos na área de linguagem:** ensino, pesquisa e formação docente. Recife: EDUFPE, 2016, p. 17-27.

\_\_\_\_\_; SANTOS, Marlison Alexandre dos. A leitura de charges políticas: acionando múltiplos sentidos. IN: LINS, Juarez Nogueira; LINS, Cleuma Regina Ribeiro da Rocha

(Orgs.). **Linguagem e Ensino**: discussões teóricas, possibilidades e práticas. João Pessoa: Ideia, 2017, p. 45-66.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Coleção Primeiros Passos)

PAIVA, Maria Nágida da Silva. **Bode Gaiato**: uma proposta para o ensino da variação linguística no livro didático. 170 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – PROFLETRAS, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira.

POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

PRETI, Dino. **A gíria e outros temas**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984.

\_\_\_\_\_. **A linguagem proibida**: um estudo sobre a linguagem erótica. São Paulo: LPB, 2010.

RAJAGOPALAN, K. Como o internetês desafia a linguística. IN: SHEPHERD, Tania G. SALIÉS, Tânia G. (orgs.). **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 37-54.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

REIS, Regina de Miranda Mukai. **Os Bordões criados pela TV e sua influência na Linguagem Cotidiana**. 27 f. 2011. Monografia. (Especialização em Mídias Integradas na Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. IN: \_\_\_\_\_; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-32.

SAGGESE, Gustavo S. Roza. Quando o armário é aberto: visibilidade, percepções de risco e construção de identidades no *coming out* de homens homossexuais. **Fazendo Gênero 8 – corpo, violência e poder**. 2008, p. 01-07. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST46/Gustavo\\_Santa\\_Roza\\_Saggese\\_46.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST46/Gustavo_Santa_Roza_Saggese_46.pdf)>. Acesso em: 21 jun. 2018.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Reflexões teóricas sobre o humor e o riso na arte e nas mídias massivas. IN: \_\_\_\_\_; ROSSETI, Regina (orgs.). **Humor e riso nas culturas midiáticas**: variações e permanências. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 17-60.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

VIP, Angelo; LIBI, Fredi. **Aurélia**: a dicionária da língua afiada. 24. ed. São Paulo: Bispo, 2013.

XAVIER, Antonio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos**: ciências humanas, e sociais e aplicadas. Recife: Rêspel, 2014.

\_\_\_\_\_. Leitura, texto e hipertexto. IN: MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e Gêneros digitais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 207-220.

YAGUELLO, Marina. Não mexe com a minha língua! IN: BAGNO, Marcos (org.). **Norma Linguística**. São Paulo, Loyola, 2001, p. 279-283.